



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E
RESTAURO-IFMG
Campos Ouro Preto

Michelle Adriane de Lima Mendes

Dossiê de Restauro

Conjunto de Residências dos Operários da Antiga Fabrica de Tecidos
de Ouro Preto

OURO PRETO

2016

Michelle Adriane de Lima Mendes

Dossiê de Restauro

Conjunto de Residências dos Operários da Antiga Fabrica de Tecidos de Ouro Preto

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Instituto Federal de
Minas Gerais, como requisito para a
obtenção do título de Tecnólogo em
Conservação e Restauro de Bens
Imóveis.

Orientador: Prof^a Ma. Ana Paula de
Moraes.

Coorientador: Prof. Ms. Alexandre
Mascarenhas.

OURO PRETO

2016

Michelle Adriane de Lima Mendes

Dossiê de Restauro

Conjunto de Residências dos Operários da Antiga Fabrica de Tecidos de Ouro Preto

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro de Bens Imóveis.

Aprovada em 05 de maio de 2016 por:

Prof. Ana Paula de Moraes
IFMG - Campus Ouro Preto

Prof. Alexandre Mascarenhas
IFMG - Campus Ouro Preto

André Henrique Macieira de Souza
Chefe do Escritório Técnico I - Ouro Preto
IPHAN- MG

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, e a minha mãe Joelma Andrea, por tudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde, força e sabedoria, para enfrentar todos os obstáculos, dessa fase de minha vida.

A minha mãe, guerreira, que sempre esteve presente nos momentos difíceis e de alegrias, sabendo ajudar, aconselhar e apoiar, mostrando que o impossível só existe, para aqueles que não querem lutar.

As minhas irmãs e meu sobrinho, por estarem sempre presentes.

Ao meu namorado, por sua paciência e dedicação.

Aos meus demais familiares, que fizeram parte dessa caminhada. Ao meu amigo Francisco e ao meu tio Júlio, por sua ajuda na elaboração desse trabalho.

Aos professores, pela orientação, apoio e confiança, desde o início. A minha orientadora, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos demais colegas, e amigos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

O meu muito Obrigada!!!

Prosseguir no desenvolvimento significa adquirir uma civilização própria, mesmo que seja imperfeita, e não copiar as civilizações estrangeiras, mesmo que sejam avançadas. Cada povo deve ter sua idade e seu solo, cada povo deve ser ele mesmo...

Juan Bautista Alberdi

RESUMO

O conjunto de residências dos operários da antiga fábrica de tecidos de Ouro Preto, encontra-se em avançado estado de degradação. A metodologia adotada baseia-se em pesquisas bibliográficas, que envolve todo o contexto histórico e teórico, para a fundamentação do estudo. Pesquisas *in loco*, para coleta de dados e informações relevantes, e a tabulação de dados que consiste na organização e confecção do levantamento e mapas de danos, para embasar a proposta de intervenção, com as intervenções necessárias.

Palavras chave: *Fábrica de tecidos; Ouro Preto; Conjunto residencial de operários.*

ABSTRACT

The set of houses of the workers of the former factory of Ouro Preto fabrics, is in an advanced state of degradation. The methodology is based on bibliographical research, involving all the historical and theoretical context to the grounds of the study. On-site research to coletagem data and relevant information, and tabulation of data that consists of the organization and preparation of the survey and maps of damage, to support the proposed intervention with the necessary interventions.

Keywords: *Cloth factory; Ouro Preto; Residential set of workers.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização das edificações.	15
Figura 2: Vias de acesso às edificações.	16
Figura 3: Conjunto Residencial do Caminho da Fábrica, composta por seis edificações.	16
Figura 4: Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy, s/d.	23
Figura 5: Detalhes da Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy, foto entre 1920 a 1950.	24
Figura 6: Vista da Estação Ferroviária já com o nome de Itacolomy, década de 1920.	25
Figura 7: Prédio da fábrica depois das modificações realizadas em 1962.	27
Figura 8: Edificação da direita, utilizada como refeitório.	29
Figura 9: Edificações que sofreram soterramento, na parte posterior.	29
Figura 10: Localização do bairro, Vitorino Dias, e os bairros próximos. Em vermelho bairro Vitorino Dias;	30
Figura 11: Vista da cachoeira do bigode Chinês.	31
Figura 12: Vista da cachoeira do Tombadouro.	31
Figura 13 e 14: Mapa de insolação e ventilação.	32
Figura 15: Localização da Cachoeira do Tombadouro, a mais próxima das edificações.	33
Figura 16: Subdivisão do conjunto residencial.	33
Figura 17: Platô, marcado em amarelo	34
Figura 18: Rampa de acesso, lado direito	34
Figura 19: Escada de acesso, lado esquerdo.	34
Figura 20: Planta baixa do conjunto residencial.	35
Figura 21: Casa 1: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e a direita a foto da fachada e, á direita e abaixo a planta de situação esquemática da casa 1 em relação ao bloco A.	36
Figura 22: Casa 2: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 2 em relação ao bloco A.	37
Figura 23: Casa 3: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 3 em relação ao bloco B.	38
Figura 24: Casa 4: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 4 em relação ao bloco B.	39

Figura 25: Casa 5: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 5 em relação ao bloco C.	40
Figura 26: Casa 6: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 6 em relação ao bloco C.	41
Figura 27: Alvenaria de tijolinho.	41
Figura 28: Marcos das portas localizadas no interior da edificação.	42
Figura 29: Marcos das janelas localizadas no interior da edificação.	42
Figura 30: Azulejos encontrados nas edificações.	42
Figuras 31: Forro paulista.	42
Figuras 32: Forro Eucatex aglomerado.	42
Figura 33: Piso de cimento queimado atualmente.	43
Figura 34: Piso de cimento queimado em 2010.	43
Figura 35: Guarda pó localizado abaixo dos beirais.	43
Figura 36: Esquadrias de verga reta emolduradas por detalhes de arco abatido em argamassa.	44
Figura 37: Frontão triangular com detalhes de cornija em relevo, e centralmente detalhe circular e escalonado.	44
Figura 38: Frontão presente na parte superior das edificações.	46
Figura 39: Concentração de vegetação, na fachada principal da casa 3, bloco B.	47
Figura 40: Concentração de vegetação, na fachada posterior da casa 2, bloco A.	47
Figura 41: Concentração de vegetação, na fachada principal do bloco A, antes da limpeza.	47
Figura 42: Fachada principal do bloco A, depois da limpeza.	47
Figura 43: Buraco cavado no interior da casa 1, bloco A.	48
Figura 44: Buraco cavado no interior da casa 1, bloco A.	48
Figura 45 e 46: Buraco cavado na parte inferior, na fachada principal da casa 1, bloco A.	48
Figura 47: Vista superior, do bloco C.	49
Figura 48: Fachada lateral direita da casa 6, bloco C.	49
Figura 49: A esquerda tem-se a foto fachada principal, e a direita a esquematização da planta de locação da casa 2, bloco A.	60
Figura 50: Vista superior das edificações, com a localização da casa 2, bloco A.	87

Figura 51: Barranco localizado na parte posterior das edificações.	88
Figura 52: Vidro quebrado, localizado no interior da edificação, próximo a sala.	89
Figura 53: Janela do banheiro, com vidros quebrados.	89
Figura 54: Janela da fachada principal e telhado com acúmulo de matéria orgânica.	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 <i>Objetivos</i>	17
1.1.1 <i>Objetivo Geral:</i>	17
1.1.2 <i>Objetivo Específico:</i>	17
1.2 <i>Metodologia</i>	18
1.2.1 <i>Pesquisa Bibliográfica</i>	18
1.2.2 <i>Pesquisa Documental</i>	18
1.2.3 <i>Levantamento de Campo</i>	18
1.2.4 <i>Tabulação de Dados</i>	19
2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	20
2.1 <i>O entorno</i>	20
2.1.1 <i>Aspectos históricos do entorno</i>	20
2.2 <i>O objeto de estudo</i>	28
2.2.1 <i>Aspectos históricos do conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos de Ouro preto</i>	28
2.2.2 <i>Aspectos geográficos: conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos Ouro Preto</i>	30
2.2.3 <i>Descrição formal</i>	33
2.2.4 <i>Descrição construtiva</i>	41
2.2.5 <i>Descrição estilística</i>	44
2.2.6 <i>Levantamento arquitetônico</i>	46
3 MAPEAMENTO DE DANOS	60
3.1 <i>Fichas de danos</i>	61
3.2 <i>Mapa de danos</i>	82
3.3 <i>Relatório conclusivo do estado se conservação</i>	87
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	91
4.1 <i>Proposta teórica</i>	91
4.2 <i>Proposta prática</i>	92
4.2.1 <i>Medidas preliminares</i>	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

1 INTRODUÇÃO

A economia no Brasil nos séculos XVII, XVIII e metade do séc. XIX era baseada na produção agrícola e mineradora, favorecida pela existência de mão de obra escrava e grande quantidade de produtos e matérias-primas que eram exportados (FURTADO, 1987). Com o decorrer dos anos e as mudanças históricas, políticas e econômicas ocorridas no país, essa realidade se transformou gradativamente.

No final do séc. XIX, a economia foi aos poucos estimulada pela crescente urbanização, chegada das estradas de ferro e grandes indústrias, não somente nas cidades maiores, mas também em cidades de médio, pequeno porte e interioranas, onde existiam matéria-prima e mão de obra barata.

Esse foi o caso de Ouro Preto, antiga Vila Rica, cidade cuja fundação está intrínseca à descoberta do ouro pelos bandeirantes ainda no final do século XVII.

A extração de ouro se deu de forma intensa ao longo dos anos, o que tornou Vila Rica centro administrativo de Minas Gerais, sendo fonte não somente de riquezas, mas de muitos conflitos. Por volta da segunda metade do século XVIII, tal atividade começou a entrar em decadência, o que acarretou o abandono dos serviços de mineração e a diminuição crescente da população. Esse quadro se agravou ainda mais a partir do final do século XIX e início do século XX, momento em que a capital de Minas Gerais foi transferida para Belo Horizonte e, conseqüentemente, a maioria da população se mudou em busca de melhores meios de sobrevivência.

Em 1897, o centro administrativo de Minas Gerais se transfere de Ouro Preto para a recente cidade de Belo Horizonte. Não sendo mais o centro político de um dos principais Estados brasileiros, Ouro Preto assume seu caráter de cidade histórica, passando a ser considerada a cidade guardiã da memória nacional. (NATAL, Caion Meneguello - Ouro Preto : a construção de uma cidade histórica, 1891-1933 - Campinas, SP: [s.n.], 2007, pág. 5).

Mesmo diante dos problemas enfrentados na cidade naquela época, tiveram muitas tentativas de moderniza-la e estímulos a novas atividades econômicas. Neste contexto, em 1814 houve uma tentativa frustrada de organizar e fundar uma fábrica de fiados e tecidos na antiga Vila Rica. Somente entre os anos de 1885 e 1890 tal empreendimento se tornou possível, através de vários incentivos de empresários e outros renomes da região. A instalação

recebeu o nome de Fábrica de Tecidos do Tombadouro, sendo renomeada várias vezes e passando por diversos donos ao longo dos anos.

A fábrica trouxe avanços para a região, gerou grande quantidade de empregos, principalmente para mulheres. Como destaque, tem-se em seu terreno a construção de um conjunto de residências para funcionários e, próximo à cachoeira do Tombadouro, de uma pequena hidrelétrica, onde era produzida sua própria fonte de energia, também distribuída para as residências e as vias públicas da cidade, em troca de favores econômicos concedidos pelo município.

(...) de uma nova unidade hydro-eletrica ou á um accordo d'esta Companhia com a Fabrica de Tecidos Itacolomy, de modo a aproveitar-se a mesma queda d'água de que actualmente se utilizam as duas empresas¹.

Nesta época chegou também na cidade a linha férrea, que muito contribuiu para o crescimento econômico local, aumentando o fluxo de pessoas e de produtos.

Entretanto, a localização da fábrica dificultava o transporte de seus produtos, pois foi implantada onde não existia estrada que interligasse aos demais bairros, possuindo apenas como via de locomoção uma escadaria, uma ponte de madeira que suportava apenas a passagem de pessoas - e uma pequena estrada de terra. Foi criada assim a Estação Ferroviária do Tombadouro, cujo nome foi modificado anos depois para Estação Ferroviária Itacolomy e posteriormente Estação Ferroviária Vitorino Dias, como homenagem a um dos principais diretores da fábrica na época.

A estação era situada a poucos metros da fábrica, atendendo as suas necessidades, pois facilitava a descarga de matéria-prima e o escoamento de suas mercadorias.

As estações intermediarias de Vitorino Dias e de Passagem de Mariana foram, ambas, inauguradas em 1914. A primeira atendia ás necessidades da Companhia Industrial Ouro-Pretana, fábrica de tecidos que funcionava a poucos metros de sua edificação.²

Em 1930 faleceu o então diretor da fábrica, Vitorino Dias. A empresa permaneceu com o grande fluxo de produção por muitos anos, porém entraves entre os diretores posteriores e modificações na cidade começaram a prejudicar os negócios.

¹ Livro de actas das Assembléias da Companhia Luz Eletérica Ouro-Pretana, 1902.

² Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013.

Entre 1950 e 1970, com as aberturas das estradas e das rodovias em Ouro Preto e região, as linhas férreas foram aos poucos se tornando inutilizadas para o transporte, encerrando suas operações.

Paralelamente, neste período, a fábrica passou por inúmeras mudanças administrativas. Como exemplo, foram vendidos todos os seus imóveis para o município, a fim de se obter imóveis na capital Belo Horizonte e alavancar os negócios, onde se concentravam as empresas de grande renome. Tais alterações somadas às variações de mercado tiveram como resultado grandes perdas econômicas ao longo dos anos que se seguiram, que por fim culminaram na falência da empresa no ano 2000.

As edificações ainda pertencentes à fábrica se tornaram inutilizadas, tanto a sede quanto as residências que abrigavam os operários. Alguns anos depois, as terras foram devolvidas ao município.

Atualmente, a região onde se situa o conjunto residencial - composto de seis unidades - e a estação, é denominada como Bairro Vitorino Dias e conhecida popularmente como Caminho da Fábrica (fig. 1), uma área afastada e a sudeste do centro da cidade. Os bairros mais próximos são o Padre Faria e Santa Cruz. As vias de acesso (fig. 2) se dão pela Avenida Teodoro Pereira ligada a BR-356 (Rodovia dos Inconfidentes) e pela Rua Desidério de Matos.



Figura 1: Localização das edificações.

- a) Em vermelho as residências,/ objeto de estudo;
- b) Em amarelo a Fábrica de tecidos;
- c) Em verde a Estação de trem, Vitorino Dias;

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-20.3934983,-43.4866681,782m/data=!3m1!1e3>, adaptado por Michelle Adriane, 2016.

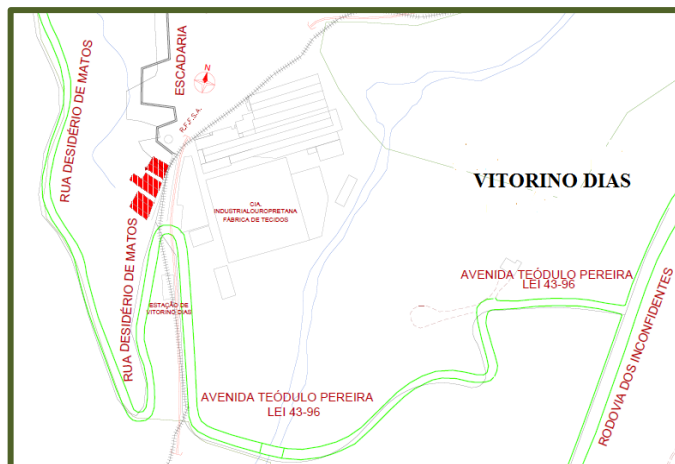


Figura 2: Vias de acesso às edificações.

Fonte: Mapa de Ouro Preto, adaptado por, Michelle Adriane, 2016.

No Bairro Vitorino Dias encontra-se edificada basicamente a fábrica de tecidos, a estação ferroviária com seus anexos, as residências e uma edificação anteriormente utilizada como consultório médico. Além das edificações, tem-se destaque a grande área verde e duas cachoeiras situadas no local.

As residências atualmente (fig. 3) se encontram em total abandono, sendo que duas delas já estão sem telhados e algumas paredes internas. As que ainda possuem estrutura passíveis de recuperação, estão sujeitas a intemperismo, pichações e ataque de vandalismo, estando gravemente depredadas. Há risco também de serem soterradas pelo barranco que se encontra próximo e possui grande instabilidade.

Como resultado, tais edificações tornaram-se focos de doenças, ponto de prostituição, tráfico; em suma, um grande problema social para a comunidade local.



Figura 3: Conjunto Residencial do Caminho da Fábrica, composta por seis edificações.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Devido ao valor histórico do Conjunto Residencial pertencente à Antiga Fábrica do Ouro Preto e seu atual estado de degradação, é de extrema importância a sua restauração, resguardando a sua integridade física, possibilitando seu uso como bem comum e reintegrando-o ao acervo arquitetônico com características históricas e estilísticas diferenciadas do município.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral:

O objetivo do presente trabalho é a elaboração de um dossiê de restauro do Conjunto Residencial pertencente à Antiga Fábrica de tecidos de Ouro Preto, devido ao seu atual contexto de depredação, processo de arruinamento e abandono, a fim de contribuir para a preservação de um bem patrimonial pertencente à cidade, possibilitando estudos e intervenções futuras.

1.1.2 Objetivo Específico:

- Estudar os conceitos relacionados ao processo de restauro;
- Levantar informações relevantes sobre o histórico do conjunto edificado da Fábrica de Tecidos do Tombadouro;
- Conhecer e analisar as características estilísticas e arquitetônicas das residências do conjunto da fábrica;
- Identificar e analisar documentos e levantamentos arquitetônicos referentes ao objeto de estudo;
- Realizar entrevistas com antigos moradores das residências;
- Elaborar medições, levantamento arquitetônico, fotográfico e de danos;
- Elaborar Mapas de danos;
- Elaborar fichas de diagnóstico;
- Realizar a propostas de intervenções;

1.2 *Metodologia*

O processo metodológico abordado no referente trabalho pode ser descrito a partir das seguintes etapas:

1.2.1 *Pesquisa Bibliográfica*

Nesta primeira etapa, foram consultadas publicações, *sites* e artigos acadêmicos que permitiram a compreensão dos conceitos relacionados ao processo de restauro e a identificação das soluções mais adequadas para cada problema diagnosticado no objeto de estudo. Como exemplo, tem-se a consulta às publicações dos Teóricos do Restauro e Cartas Patrimoniais.

Para análise do objeto de estudo, também foi necessário consultar bibliografia sobre as características do estilo eclético na arquitetura brasileira do final do séc. XIX.

Foi pesquisado também, principalmente em *sites* e publicações referentes ao entorno do objeto de estudo, informações que complementaram a pesquisa histórica das edificações.

1.2.2 *Pesquisa Documental*

Nesta etapa foram levantados e analisados documentos que forneceram subsídios para esclarecimento sobre o histórico das edificações, detectando, por exemplo, datas específicas e responsáveis ligados as mesmas.

Foram analisados documentos sobre o entorno e as edificações, como escrituras, plantas arquitetônicas da época e atuais. Para isso foram realizadas visitas à Secretária de Cultura e Patrimônio e ao IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ambos de Ouro Preto. Foram consultados também os arquivos do Centro de Documentação e Informação (CDI), do Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte.

1.2.3 *Levantamento de Campo*

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foram realizadas entrevistas com pessoas que residiram nas residências, a fim de coletar informações sobre o histórico e outros fatores

relevantes. Também foram realizadas visitas *in loco* para reconhecimento detalhado do objeto. Foi necessário a utilização de trena metálica, pranchetas e outros materiais para a medição. Posteriormente à confecção dos desenhos arquitetônicos resultantes do levantamento, utilizando o *software* AutoCAD, foi feita a marcação patológica de uma das residências, com o auxílio de croquis, fichas e fotografias. Esta etapa possibilitou identificar as alterações ocorridas ao longo do tempo.

1.2.4 *Tabulação de Dados*

Após a coleta das informações necessárias, foi realizado o registro das marcações das patologias utilizando o *software* AutoCAD. Com as marcações concluídas foi possível identificar em tabelas as causas e os agentes prováveis das patologias encontradas.

Finalizou-se a pesquisa com uma proposta de intervenção baseada nos teóricos de restauro e o caderno de especificações, que apresenta informações relevantes sobre como os procedimentos deverão ser realizados, nas possíveis intervenções futuras.

2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2.1 O entorno

2.1.1 Aspectos históricos do entorno

Pode-se dizer que a origem do bairro Vitorino Dias é bastante recente e que sua história está diretamente interligada à construção da fábrica de tecidos, nomeada inicialmente como São José do Tombadouro.

O bairro foi escolhido para a construção da fábrica pela extensa área existente e pelas nascentes de água muito próximas, que contribuía na geração de energia para o funcionamento das máquinas e facilitava a manutenção e a limpeza dos equipamentos. Além disso, o local está afastado do centro da cidade, o que facilitou o fluxo de produtos e trabalhadores.

Tal fábrica teve diversos donos e acionistas, sendo que no documento Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Ouro Preto (2010), são citadas informações do início da sua construção, mencionando uma concessionária denominada Companhia Industrial de Ouro Preto como a filial responsável, tendo como sede uma empresa situada no Rio de Janeiro³.

Por volta de 1887, essa concessionária realizava serviços públicos para a cidade - como telefonia, energia elétrica e força - e estava interessada em construir uma fábrica de tecidos em Ouro Preto, com autorização do império. No local já havia um empreendimento do comerciante José de Mello Freitas, que não gerava lucros e não atendia as necessidades da câmara municipal⁴; o mesmo então foi comprado pela companhia.

³ As várias Companhias Industriais que se instalaram em Minas Gerais e no país eram fruto de um consórcio de empreendedores que apostavam em várias das novas tecnologias introduzidas ao país seja pelo Imperador, seja pelo capital estrangeiro, à época já fortemente sediado no país. Assim sendo a Cia. Industrial Mineira, a Cia. Industrial São Joanense, a Cia. Industrial Ouro Pretana, a Cia. Industrial Santanense, todas surgiram com a orientação da segunda revolução industrial inglesa, aliar aos mecanismos de produção o uso de novas tecnologias desenvolvidas à época para a nascente, porém, já muito bem organizada indústria têxtil. (Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC- Ouro Preto – Minas Gerais, 2010, pág. 27).

⁴ [...] a Cia. Nasce como Fábrica de Tecidos do São José de Tombadouro, e em 1887, arremata a concessão de energia elétrica para iluminação pública de Ouro Preto, ainda capital do estado. No começo a sobra de energia da produção é utilizada para essa iluminação, porém a mesma não é continuada, já que José de Mello Freitas, empreendedor a frente da Fábrica de Tecidos, não consegue suprir a necessidade de lâmpadas exigidas pela câmara municipal. Sendo assim, um grupo acionário (e bancário) do Rio de Janeiro, assume a fábrica e inaugura

A Companhia Industrial de Ouro Preto, por seu Director Presidente abaixo assignado, precisando construir nos terrenos denominados – Cachoeira do Tombadouro, na freguesia de Antonio Dias, uma fabrica de fição e tecelagem de algodão, vem respeitosamente pedir a esta Câmara Municipal que se digne conceder-lhe por aforamento os referidos terrenos, á margem esquerda do Rio Funil, na extensão de 150 metros de frente, sendo nos terrenos altos de 100 metros de frente por 150 de fundo, e na parte baixa de 50 metros de frente por 40 de fundo; outro sim, pede á mesma Câmara o uso das aguas do mencionado rio Funil e da cachoeira situada no mesmo local. Ouro Preto, 9 de outubro de 1889. L. de Carvalho Mello. Dir. Presidente.” (APMOP. Aforamento de 45 braças de terreno sito no Tombadouro para instalação de industria de tecelagem por José de Mello Freitas, contestado pelo foreiro João Ferreira de Ulhôa Cintra; 1887-1889 (processo). (28 docs. avulsos não catal.)⁵.

Segundo o livro “Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto” da Fundação Vale (2013), esse interesse foi concretizado. Obteve-se apoio da arquidiocese de Mariana, que objetivava melhorar sua área financeira e ofertar trabalho para as mulheres da região. Também houve apoio de cientistas como Henry Gorceix, que buscava trazer para o estado pesquisas, novas tecnologias e empreendedores, entre eles, Vitorino Dias, que por sua vez tentava manter Ouro Preto como fonte de riquezas.

Em 1890 a construção da fábrica já havia se iniciado, com a direção dos engenheiros Venceslau Bello e Henrique Amaral, avançando com bastante êxito⁶.

Com a inauguração do prédio, alguns anos depois, jornais da época publicaram os acontecimentos que cercavam esse avanço que ocorria na cidade de Ouro Preto.

S. exc. o senador Gama Cerqueira, vice-presidente do Estado, acompanhado do sr. dr. Theophilo Ribeiro, director da secretaria do interior e de outros cavalheiros visitou este importante estabelecimento industrial.
S. exc. e comitiva foram recebidos pelo director gerente, engenheiro Grey Tavares e pessoal tecnico do estabelecimento com todas as deferencias.

a Cia. Industrial Ouro Pretana, fortalecendo a mesma com inovações tecnológicas e assumindo em 1890 a iluminação Pública de Ouro Preto. (Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC- Ouro Preto – Minas Gerais, 2010, pág. 27 e 28).

⁵ Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013.

⁶ Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013.

Depois de haver percorrido todas as dependencias da fabrica e assistido ao funcionamento de todos os aparelhos por habilissimos operarios e operarias foi lhe offerecido e a sua comitiva pelo engenheiro Tavares, em esplendido picnic, durante o qual manifestaram-se os convivas as mais significativas provas de entusiasmo pela maneira brilhante com que a companhia industrial de Ouro Preto, procurou montar um estabelecimento modelo, aparelhado para competir com os seus congeneres europeus.

O sr. vice-presidente e comitiva regressaram á cidade as 3 horas da tarde, trazendo todos a grata recordação dos obsequios que receberam do engenheiro Grey Tavares e pessoal da fabrica.

(FABRICA de tecidos do Tombadouro. O Estado de Minas, Ouro Preto, 24 fev. 1892. Noticiario. p. 1.)

Em 1892, a Companhia Industrial Oupretana passou por problemas financeiros e dificuldades para a continuação da distribuição de energia elétrica na cidade, ocorrendo então a venda de algumas ações da fábrica. Este fator permitiu que novos empreendedores e empresários pudessem assumir os negócios.

Nas pesquisas realizadas foram encontradas duas informações divergentes. De acordo com o livro “Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto” da Fundação Vale (2013), entre 1892 e 1899 a fábrica de tecidos - que até então pertencia a Companhia Industrial Oupretana - passou os negócios para os empresários Santos, Irmãos Rezende e Cia. Não foram encontrados documentos relativos a essa compra e venda, apenas publicações de jornais que citavam os nomes dos novos proprietários e a nova nomeação da fábrica como Itacolomy.

Os Srs. Santos, Irmão Rezende e Cia., proprietarios da Fabrica Itacolomy, situada no Tombadouro, bairro desta capital, têm grande variedade de tecidos de algodão, de cor, trançados e lisos. Chamamos a atenção dos srs. negociantes para ás produções daquelle estabelecimento industrial de primeira ordem. O Estado de Minas. Ouro Preto, 28 out. 1896, p. I.

Esses novos proprietários não puderam quitar as dívidas que a fábrica possuía com o Banco do Brasil, procurando meios de solucionar o problema. Foi proposto a Dom Silvério - bispo da arquidiocese de Mariana - o uso de apólices federais da administração do Seminário de Mariana para a realização dos pagamentos das dívidas relacionadas a fábrica. Tais apólices foram convertidas em ações, realizando todos os pagamentos das dívidas, e por volta de 1900 o bispo passou a ser administrador da fábrica.

Já o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Ouro Preto (2010) não descreve a administração dos empresários Santos, Irmãos Rezende e Cia, informando que a compra foi realizada por Dom Silvério diretamente da Companhia Industrial Oupretana, por volta de 1892.

As dificuldades financeiras e técnicas inviabilizaram a continuidade da concessão de energia elétrica pela Cia. Industrial Oupretana para a cidade, sendo que em 1892, a

Diretoria de Obras Públicas rescindiu o contrato e abriu nova arrematação para a iluminação pública de Ouro Preto.

Ainda em 1892, a fábrica de tecidos passaria por nova administração. Dom Silvério, Bispo da Arquidiocese de Mariana, aconselhado pelos amigos Diogo de Vasconcellos e Gabriel dos Santos, trocou as apólices federais que detinha na administração financeira do Seminário de Mariana pelo quitamento da hipoteca da Cia. Industrial Ouropretana no Banco do Brasil. Sendo assim passou a ser administrador e diretor da Fábrica de Tecidos, uma vez que gerenciava as ações dos demais sócios, sendo o mesmo, sócio majoritário⁷.

Quando foi realizada a compra da Fábrica de Tecidos Itacolomy (fig. 4 e 5) por Dom Silvério, o estabelecimento já estava funcionando perfeitamente, possuindo em seu terreno o prédio da fábrica de tecidos e o conjunto de casas geminadas, utilizadas como residência para os trabalhadores.

Denominada do Tombador e também conhecida por Itacolomy [...] com todos os seus machinismos de fiação, tecelagem, engomagem de fio, tinturaria, oficinas mechanicas de reparos, montados todos os machinismos [...] e assentes em um predio todo construido de pedra, cal e cimento, cobrindo uma superficie de mil novecentos e vinte e quatro metros quadrados, com as paredes exteriores de cinquenta centimetros de espessura, construido em blocos de calcareo de primeira rejuntados a cimento, superestrutura toda de ferro em forma de dente de serra e coberta de telha francesa, casa para operarios, situadas proximas a fabrica e respectivos terrenos [...] ⁸.

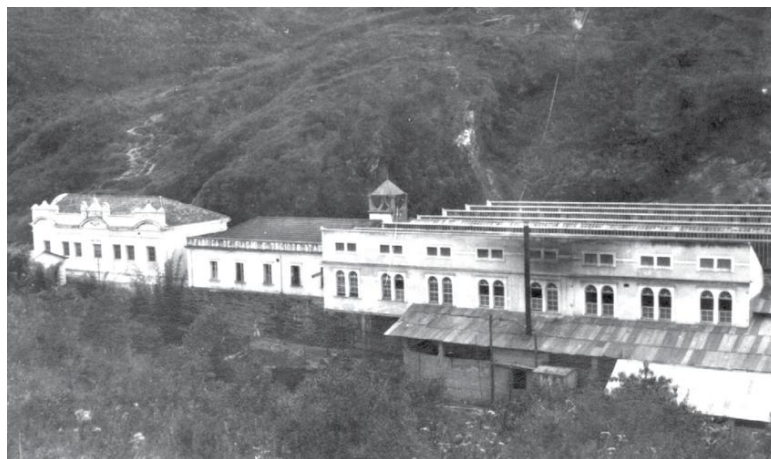


Figura 4: Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy, s/d.

Fonte: Fundação Vale (2013).

⁷ Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC - Ouro Preto – Minas Gerais, 2010, pág. 21

⁸ AIMFCII. Traslado de uma escriptura de compra e venda da fabrica do Tombadouro em Ouro Preto comprada pelo Exmo. Snr. Dom Silverio Gomes Pimenta pelo preço e quantia de RS (150:000\$000), Marianna, Cartorio do Primeiro Oficio, 07 mar. 1901. 5f. (Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013).



Figura 5: Detalhes da Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy, foto entre 1920 a 1950.
Fonte: Inventário de proteção do acervo cultural de Ouro Preto (2010).

Entre os anos de 1906 e 1912, a administração da fábrica tornou-se uma sociedade entre a Arquidiocese de Mariana e o empresário Orosimbo Gomes Sabará de Vasconcellos, que possuía pleno comando das atividades econômicas da fábrica, “investido das funções de gerente com plena autonomia de administração tanto na parte técnica como na comercial [...]”⁹.

Com o passar dos anos Dom Silvério enfrentou problemas na administração da fábrica, cancelando sua sociedade. Em 1912, o empresário Vitorino Dias comprou a maioria das ações da fábrica e se tornou o principal acionista.

Com todas as máquinas existentes, acessórios, instalações de força e água potável, casas e terrenos descritos na escritura de compra”, registrava o valor de 370 contos de réis acrescentaram-se 50 contos para “capital de giro comercial, despesas de instalação etc.”, e o capital social foi fixado em 420 contos de réis, dividido em 2.100 ações do valor nominal de 200 mil réis cada¹⁰.

O estabelecimento foi renomeado como Fábrica de Fiação e Tecidos Itacolomy. Junto a Vitorino Dias outros empresários também compraram algumas ações, aumentando a direção da fábrica. Nos anos que se seguiram houve um grande aumento na produção, o que

⁹ AEAM. Livro de escrituração diária da Fábrica de Tecidos S. José do Tombadouro; 29 nov. 1907-30 mar. 1908. f. 1. (Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013).

¹⁰ Em novembro de 1912, esse valor foi assim detalhado: “imoveis 7:500\$000; edificio da Fábrica e suas dependencias 80:000\$000; machinas existentes 236:000\$000; ferramentas 482\$500; moveis e utensilios 385:000; agua potavel 4500\$000; instalação de força 37:842\$000 e mercadorias existentes 3:290\$500.” Cf.: AIMFCII. Ata de 18 de novembro de 1912. In: Idem. f. 2v. (Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013).

possibilitou a realização de melhorias, como exemplo, encomendas de novos maquinários de Londres. Além disso, foi firmada uma parceria com a Santa Casa da Misericórdia de Ouro Preto para fornecimento de tecidos em troca de atendimento gratuito aos trabalhadores da fábrica. Também foram distribuídas gratificações aos trabalhadores da fábrica.

Com todo o aumento na produção e demanda sentiu-se a necessidade de um ponto onde se pudesse realizar diretamente o escoamento dos produtos utilizados na fábrica. Neste contexto, em 1914 inaugurou-se a Estação de Trem Tombadouro (fig. 6) que permitia melhor a carga e descarga dos materiais utilizados na fábrica como carvão, e algodão, além do transporte das manufaturas.



Figura 6: Vista da Estação Ferroviária já com o nome de Itacolomy, década de 1920.

Fonte: Acervo PMOP/SMPDU.

Diante deste impulso econômico, os acionistas da fábrica conseguiram comprar as ações que ainda restavam da Companhia Industrial Oupretana e outros empreendimentos na cidade, investimento que facilitou as negociações com a prefeitura e por conseguinte, a distribuição da energia elétrica e telefônica local. Como exemplo, os acionistas conseguiriam eliminar os pagamentos de juros para o município em troca da distribuição de energia elétrica em vias públicas, praças e áreas de lazer.

Fabrica de Fiação e Tecidos Itacolomy [...] tendo conhecimento [...] de que a Companhia [Luz Elétrica Oupretana] admite a possibilidade de proceder á sua liquidação, ou venda de seus bens e direitos, vem propor a compra de todo o acervo constituído pela Usina do Tombadouro, linhas primarias e secundarias, postes, transformadores, predio á praça Tiradentes, esquina da rua das Flores, com o anexo que serve de distribuidora, materiaes em deposito no escriptorio e fora d'elle, dívidas activas, moveis, contracto corrente com a Camara Municipal desta cidade para illumination publica e particular e outras applicações de energia electrica, emfim, tudo quanto constitue o seu activo, subrogando-se em todos os seus direitos e

comprometendo-se por outro lado a assumir todas as obrigações e liquidar o seu passivo, pela quantia global de duzentos e cinquenta contos de reis, pagos á dinheiro á vista, no acto de passar a respectiva escriptura. Ouro Preto, vinte e quatro de Dezembro de mil novecentos e vinte e quatro¹¹.

Apesar do crescimento econômico, ao longo da administração de Vitorino Dias vários sócios desistiram da administração, alegando falta de conhecimento na área. Outros acionistas foram assumindo cargos, como exemplo, os próprios trabalhadores da fábrica, através de suas economias ao longo dos anos.

Entre 1930 a 1960 a direção da fábrica passou por diversas modificações em sua diretoria. Novas cláusulas e estatutos foram criados, a fim de melhorar a sua organização. Nesse mesmo período foram realizadas algumas homenagens aos principais nomes que atuaram na fábrica, através da nomeação de algumas ruas da cidade como: Avenida Vitorino Dias, que liga a Rua Paraná a Rua Diogo de Vasconcelos; e a Rua Desidério de Matos, que liga os bairros Alto da Cruz e Padre Faria, além de ser o acesso principal ao bairro também nomeado Vitorino Dias e à fábrica de tecidos.

Durante muitos anos os cargos continuaram a ser trocados, renunciados, reduzidos, entre outras estratégias para melhor funcionamento dos negócios.

Por volta de 1962, os diretores da fábrica resolveram realizar mudanças no prédio (fig. 7), foi demolido então o primeiro prédio, e no mesmo local construíram outro, com diferentes características estilísticas, estruturais e também ampliando a sua área. Segundo Livro de atas das Assembleias da Companhia Luz Elétrica Ouro Pretana, (1982, p. 33) “a sociedade vai acelerar o seu próprio crescimento, inclusive com a aquisição de novas e modernas máquinas e a ampliação da área construída com a edificação de novos galpões”¹².

¹¹ AIMFCII. Ata de 25 de dezembro de 1924. In: Livro de actas das Assembléas da Companhia Luz Electrica Ouro Pretana; 06 fev. 1902-09 maio 1926. f. 34-34v. (Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto. Fundação Vale, Belo Horizonte, 2013).

¹² AIMFCII. Ata de reunião da Diretoria; 03 dez. 1973. In: Livro de atas da Companhia Industrial Oupretana S.A.; 02 set. 1943- 26 mar. 1982. f. 33. Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

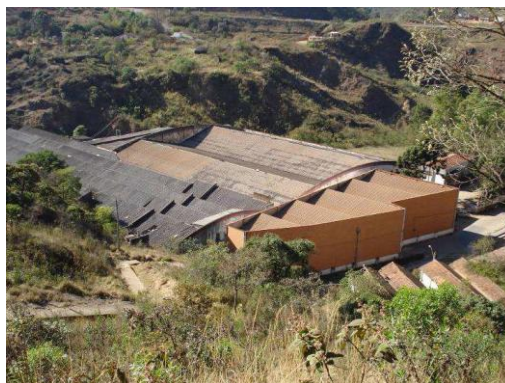


Figura 7: Prédio da fábrica depois das modificações realizadas em 1962.
Fonte: Inventário de proteção do acervo cultural de Ouro Preto (2010), pág. 12.

Essas alterações arquitetônicas e estruturais da fábrica permitiram a compra de novos maquinários, o que aumentou significadamente a produção. Com a justificativa de ampliar os negócios, a sede da empresa - que se situava na Praça Tiradentes de Ouro Preto - foi transferida para um prédio em Belo Horizonte, dando visibilidade a outros empreendedores da nova capital.

Para acompanhar as modernizações ocorridas na região, em 1982 foi incorporada à fábrica a Companhia Industrial Itaunense.

Alterou-se novamente o nome da fábrica para Companhia Industrial Itaunense - Unidade III¹³. Porém essa mudança não favoreceu o empreendimento, pois neste mesmo período foram fechados os setores de fiação e tinturaria, diminuindo os lucros. As perdas econômicas foram sucessivas e, entre 1999 a 2000, a fábrica decretou oficialmente falência, fechando as portas e desempregando muitas famílias.

Diante deste panorama de crises econômicas, os imóveis ainda pertencentes a fábrica no bairro Vitorino Dias foram transferidos para a Prefeitura Municipal de Ouro Preto para quitação de dívidas.

¹³ AIMFCII. Ata de 13 de setembro de 1982. In Livro de atas das reuniões da Diretoria da Companhia Industrial Itaunense; 26 jun. 1978-26 dez. 1983. f. 80v.-81. Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

2.2 O objeto de estudo

2.2.1 Aspectos históricos do conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos de Ouro preto

O conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos Tombadouro foi construído no século XIX. As unidades eram oferecidas preferencialmente aos funcionários que possuíam formação profissional e capacitação específica, como Evandro Serafim Bernardo, que residiu com sua família em uma das edificações por mais de 17 anos. Ele possuía o cargo de eletricitista e, ao morar no conjunto, ações emergenciais eram atendidas com mais rapidez. Residiam também nessas casas funcionários casados que não possuíam moradia, como exemplo, Rosa Inês de Oliveira Lima, que morou por 26 anos com seu esposo e nove filhos, exercendo a função de tecelã. Os moradores não pagavam nenhum tipo de taxa para residir na localidade.

Através de relatos de antigos funcionários da fábrica, realizados durante o trabalho de campo do presente estudo¹⁴, detectou-se que as manutenções nas residências eram financiadas pela fábrica e realizadas de acordo com as necessidades que surgiam, como troca de telhas, pintura, capina, entre outros.

Os cômodos eram pequenos para a média de moradores. As unidades eram basicamente subdividas em sala, dois ou três quartos, cozinha e um banheiro. Não havia área de serviço, apenas um tanque na parte posterior das edificações.

Um das unidades - que atualmente se encontra em estado de arruinamento (fig. 8) - era utilizada como refeitório para todos os funcionários da fábrica, que levavam suas refeições e as aqueciam no local.

¹⁴ Evandro Serafim Bernardo e Rosa Inês de Oliveira Lima.



Figura 8: Edificação da direita, utilizada como refeitório.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Sobre as intervenções arquitetônicas realizadas, os antigos funcionários¹⁵ destacaram a ampliação de uma das casas, através da construção de um cômodo de grandes dimensões na sua parte posterior, pois a família havia crescido e necessitava de mais espaço.

Por volta de 1984, ocorreu um deslizamento de terra, atingindo a parte posterior de uma das edificações (fig. 9), soterrando uma mulher e uma criança, que foram resgatadas com vida por operários da fábrica. Com receio de novos deslizamentos, duas famílias se mudaram da localidade para outros imóveis pertencentes à fábrica. Foi realizada apenas a retirada de terra e essas casas não foram mais ocupadas. As outras famílias continuaram a residir nas edificações que não foram atingidas. Se mudaram apenas com o fechamento da fábrica em 2000, quando perderam não somente sua fonte de renda, mas também o direito de ocupar as moradias, que passaram a ser propriedade da prefeitura.



Figura 9: Edificações que sofreram soterramento, na parte posterior.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

¹⁵ Evandro Serafim Bernardo e Rosa Inês de Oliveira Lima.

Segundo pesquisas realizadas no Arquivo Público Mineiro, em 2006 foram realizados estudos e levantamentos da área para que fosse construído no local um novo empreendimento, através de uma parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto e a prefeitura do município. Porém nada foi executado até a atualidade e as casas se encontram abandonadas, em estado avançado de degradação.

2.2.2 Aspectos geográficos: conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos Ouro Preto

Conforme citado anteriormente, o conjunto residencial dos operários da Antiga Fábrica de Tecidos Tombadouro está localizado no bairro Vitorino Dias (fig. 10), a uma distância de 3 Km da Praça Tiradentes, centro da cidade, em um local conhecido popularmente como Caminho da Fábrica. A região é considerada um vale, uma área baixa em relação aos demais bairros da cidade, rodeada de muitas plantas e árvores.



Figura 10: Localização do bairro, Vitorino Dias, e os bairros próximos. Em vermelho bairro Vitorino Dias;
Fonte: CASTRO, Jeanne Michelle Garcia. Pluviosidade e movimentos de massa nas encostas de Ouro Preto [manuscrito] - 2006, pág. 25. Adaptado por Michelle Adriane, 2016.

Por estar em uma extensa área verde e próxima ao Pico do Itacolomy, essa região está inserida na Zona de Proteção Ambiental 1 - ZPAM1, de acordo com o Plano Diretor da cidade de Ouro Preto, de dezembro de 2006.

Art.43. Considera-se como Zona de Proteção Ambiental (ZPAM) aquela a ser preservada ou recuperada em função de suas características topográficas, geológicas e ambientais de flora, fauna e recursos hídricos, e/ou pela necessidade de

preservação do patrimônio arqueológico ou paisagístico. Plano Diretor da cidade de Ouro Preto, de dezembro de 2006.

Além da vasta vegetação, nessa área também existem duas cachoeiras, uma denominada como Cachoeira do Bigode Chinês¹⁶ (fig. 11), a 300 metros de distância da fábrica e outra denominada como Cachoeira do Tombadouro (fig. 12)¹⁷, que está localizada na parte posterior da fábrica e foi utilizada para a movimentação das máquinas da fábrica e fornecimento de energia na cidade.

A cachoeira do – Tombadouro – formada pelas águas do correjo – Itacolomy – confluente do – Ribeirão do Funil –, será aproveitada como motor para os maquinismos.” (ILLUMINACÇÃO da capital. O Itacolomy, Ouro Preto, 10 out. 1890. p. 1.)¹⁸



Figura 11: Vista da cachoeira do bigode Chinês.
Fonte: Inventário de proteção do acervo cultural-IPAC- Ouro Preto - Minas Gerais, 2010.

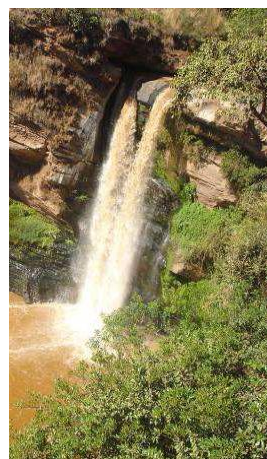


Figura 12: Vista da cachoeira do Tombadouro.
Fonte: Inventário de proteção do acervo cultural-IPAC- Ouro Preto - Minas Gerais, 2010.

¹⁶ Cachoeira formada por pequeno curso d'água que nasce na Serra do Itacolomy (Cadeia do Espinhaço, na área do Parque Estadual do Itacolomy. Possui pequeno poço abaixo da queda d'água. Após este ponto o curso d'água une-se ao Ribeirão Funil que vem da cidade de Ouro Preto. A queda d'água ocorre entre um afloramento de quartzito, comum na região da antiga Fábrica de Tecido. (Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC - Ouro Preto – Minas Gerais, 2010, pág. 93).

¹⁷ Cachoeira subsequente à queda d'água “Bigode Chinês”. Possui cerca de 20m (vinte metros) de queda que proporciona um pequeno lago abaixo, possui grande volume de água principalmente na época das chuvas. É formado pelo Ribeirão Funil e o córrego do Bigode Chinês. (Inventário de Proteção do Acervo Cultural – IPAC - Ouro Preto – Minas Gerais, 2010, pág. 98).

¹⁸ (Fundação Vale. Outras memórias, outros patrimônios: relato do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, 2010).

O conjunto de residências se encontra em um terreno planificado com uma vegetação muita densa em sua fachada posterior e laterais, o que dificulta o acesso, ventilação e insolação.

A posição que se encontra essas edificações faz com que a fachada principal receba a maior radiação solar na parte da manhã (fig. 13), diferente das outras fachadas, que por estarem cobertas por vegetações de grande, médio e pequeno porte, não recebem insolação adequada, o que tem ocasionado danos nas paredes externas, além de grande concentração de umidade no interior da edificação.

A ventilação predominante vem do sudeste para noroeste, fazendo com que a fachada principal receba a maior parte da ventilação durante todo o dia e noite (fig. 14), enquanto nas demais fachadas o bloqueio vegetal prejudica o fluxo de ar, tendo como resultado grande quantidade de agentes biológicos presentes na alvenaria.

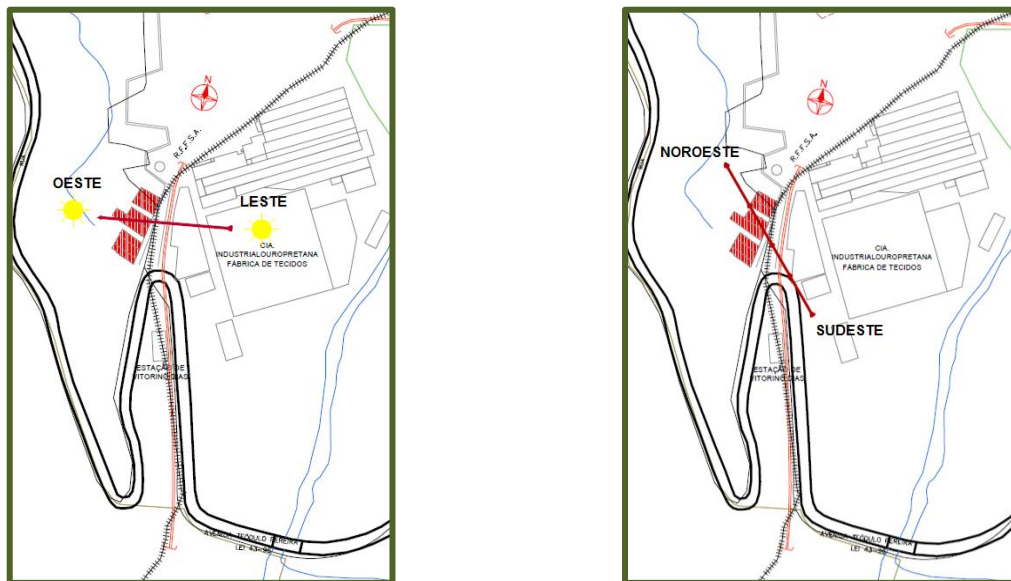


Figura 13 e 14: Mapa de insolação e ventilação.

Fonte: Mapa de Ouro Preto, adaptado por Michelle Adriane, 2016.

Como agravante, as edificações não possuem uma boa ventilação cruzada, devido às posições das esquadrias e das aberturas que interligam os ambientes internos. Nota-se que a região onde estão localizadas as edificações é muito úmida, devido não somente à vegetação existente, mas também à proximidade das cachoeiras (fig. 15).

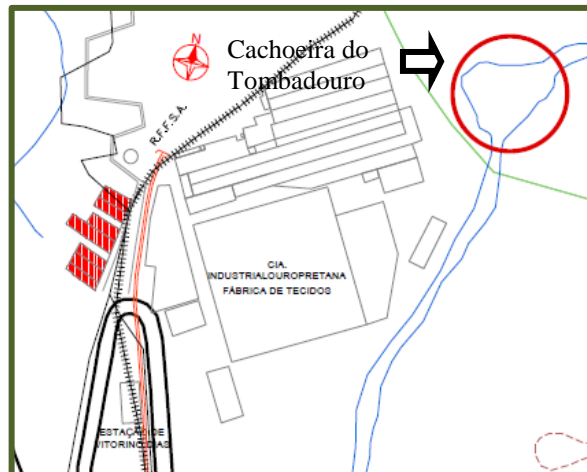


Figura 15: Localização da Cachoeira do Tombadouro, a mais próxima das edificações.
Fonte: Mapa de Ouro Preto, adaptado por Michelle Adriane, 2016.

Observa-se que as condições ambientais e geográficas às quais o conjunto residencial está submetido acentuam a proliferação de mofos e outros agentes biológicos em suas unidades, o que contribuiu no avanço do seu estado de degradação ao longo dos anos.

2.2.3 Descrição formal

Para facilitar a descrição formal e estilística, o conjunto residencial foi subdividido em blocos de casas geminadas, denominados A, B e C. O bloco A é composto pelas duas primeiras casas da esquerda; o bloco B pelas duas casas centrais e o bloco C pelas duas casas da direita, conforme esquema abaixo (fig. 16).

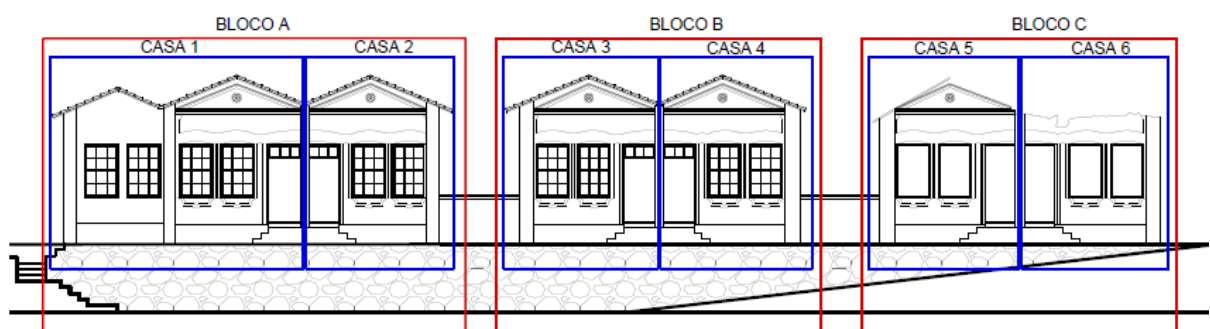


Figura 16: Subdivisão do conjunto residencial.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Observa-se que o conjunto de edificações está implantado em cima de um platô (fig. 17) que nivela o terreno, deixando as residências em superfície mais elevada em relação

ao nível da rua, de forma a amenizar possíveis danos causados por erosões e trepidações. O platô de pedra possui face frontal sem acabamento.



Figura 17: Platô, marcado em amarelo.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Os acessos das casas se dão através de uma rampa do lado direito do platô e de uma escada do lado esquerdo (fig. 18 e 19). Esses acessos fazem ligação direta a uma superfície plana com acabamento em concreto.



Figura 18: Rampa de acesso, lado direito.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.



Figura 19: Escada de acesso, lado esquerdo.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

As edificações possuem afastamento em relação a face frontal do platô, além de afastamento laterais entre os blocos A, B e C. Já na parte posterior existe uma grande área verde que se estende por uma encosta até a Rua Desidério de Matos, não existindo qualquer fechamento entre as casas e esta vegetação existente.

O conjunto citado é composto ao todo por seis edificações (fig. 20), cada uma com suas especificidades.

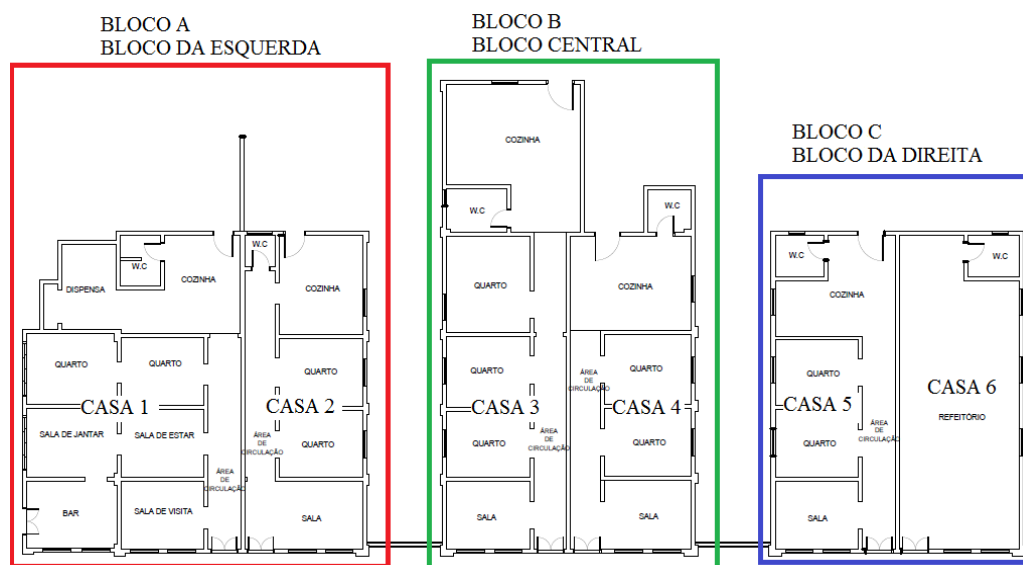


Figura 20: Planta baixa do conjunto residencial.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

O bloco A é composto por duas edificações geminadas, sendo que a casa 1 (fig. 21) possui divisão de cômodos muito diferente das demais, além de maior área de construção.

O acesso da casa 1 se dava, por uma porta de madeira de duas folhas, localizada na fachada principal, ligando diretamente a rua a um corredor lateral.

Por esse corredor tem-se acesso primeiramente à sala de visita, que possui duas janelas guilhotinas. Adiante há outro cômodo, utilizado pela antiga família residente como sala de estar. Através dessa sala adentra-se na sala de jantar, que possui uma janela de correr de vidro e, em seguida, tem-se outro cômodo utilizado como bar. Esse possui duas janelas guilhotinas, direcionadas para a fachada principal, e possuía uma porta com acesso à fachada lateral esquerda.

Seguindo o corredor, existem mais dois cômodos interligados, utilizados como quartos, um deles com janela de correr de vidro. Ao final encontra-se a cozinha, que dá acesso ao banheiro e uma despensa.

Na cozinha existia uma porta de madeira que dava acesso à parte externa da casa. Segundo relatos, existia outro quarto de grande dimensão nesse local, mas com o deslizamento de terra ocorrido em 1984, esse cômodo foi completamente destruído. Atualmente encontra-se apenas uma parede na lateral direita e alguns resquícios desse cômodo.

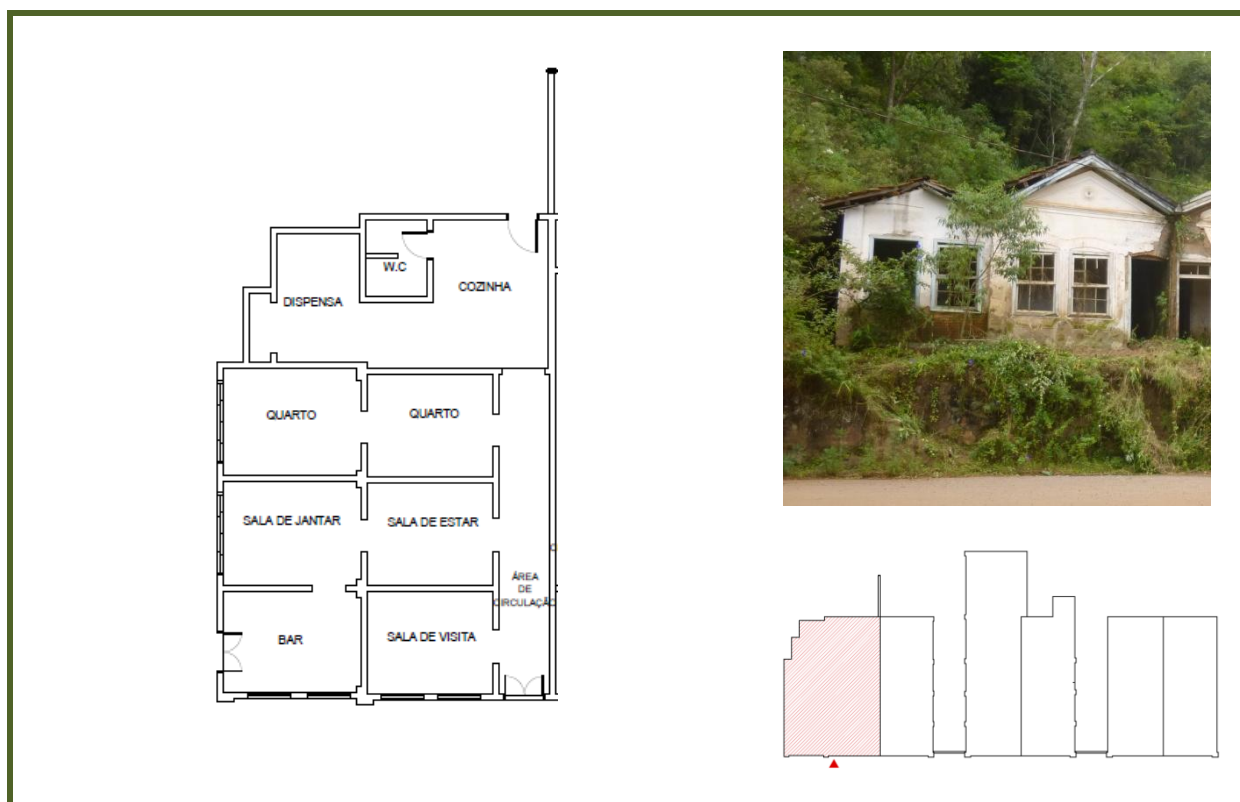


Figura 21: Casa 1: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e a direita a foto da fachada e, á direita e abaixo a planta de situação esquemática da casa 1 em relação ao bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

A casa 2 (fig. 22) do bloco A também tinha acesso principal por uma porta de madeira de duas folhas, diretamente na sala. Nesse cômodo existem duas janelas guilhotinas direcionadas para a fachada principal.

Após a sala, adentra-se no corredor lateral. Nele há primeiramente os acessos a dois cômodos, utilizados como quartos, cada qual com uma janela de madeira - de uma folha - direcionada para a fachada lateral direita. No final existe o banheiro - com uma janela basculante - direcionada para a fachada posterior e, ao lado, a cozinha, com uma janela guilhotina direcionada para a fachada lateral direita e possuía uma porta de acesso para a área externa aos fundos da casa.

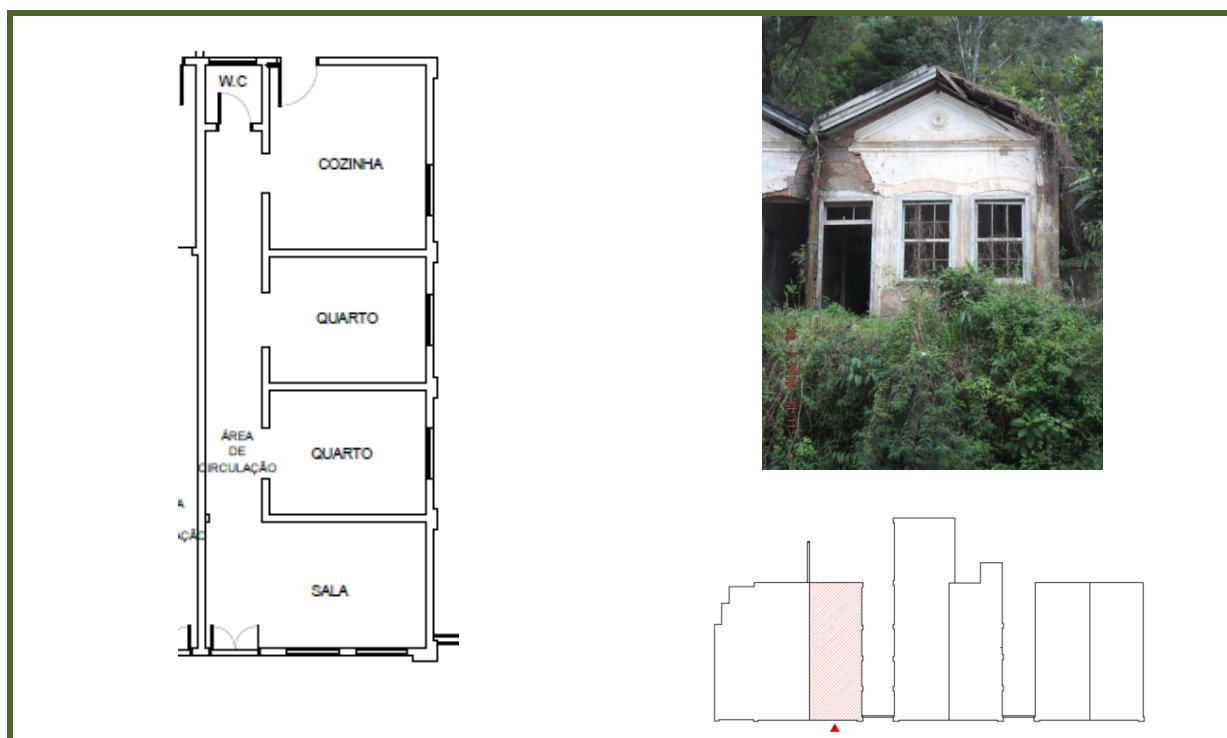


Figura 22: Casa 2: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 2 em relação ao bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

O bloco B, também composto por duas edificações geminadas, está localizado na parte central do conjunto.

A casa 3 (fig. 23), tinha na fachada principal uma porta de madeira - de duas folhas - que dá acesso a um corredor lateral. Através deste adentra-se primeiramente na sala, com duas janelas guilhotinas, direcionadas para a fachada principal.

Na sequência, existem mais três cômodos utilizados como quartos, cada qual possuía uma janela de madeira de uma folha. No final encontra-se a cozinha de grande dimensões, com uma janela guilhotina e tinha uma porta de madeira, ambas direcionadas para a área externa da casa. Na cozinha tem-se o acesso ao banheiro, que possui janela basculante direcionada para a fachada lateral esquerda.

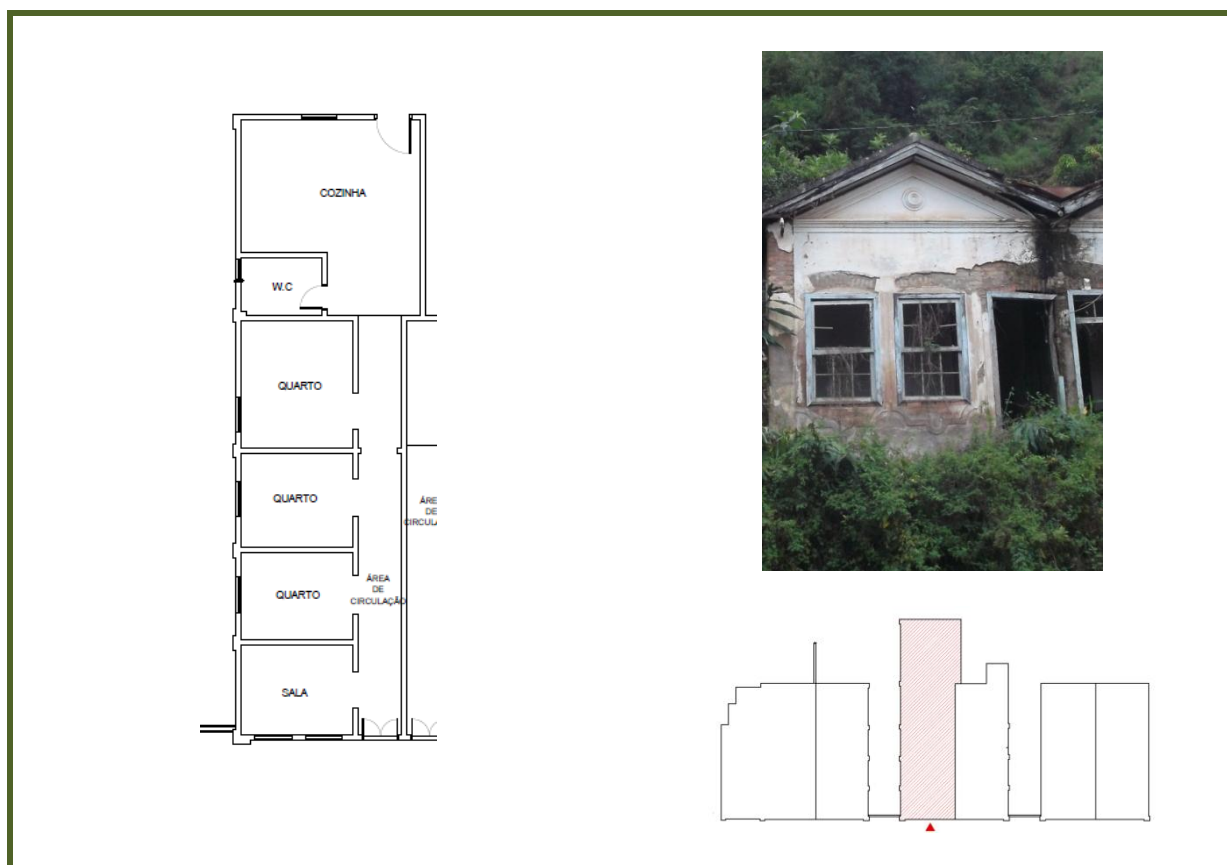


Figura 23: Casa 3: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 3 em relação ao bloco B.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

A casa 4 (fig. 24) também possuía na fachada principal uma porta de madeira - de duas folhas - que dá acesso a um corredor lateral. O mesmo liga-se a sala, que possui duas janelas guilhotinas, direcionadas para a fachada principal.

Seguindo o corredor tem-se acesso lateral a dois cômodos sucessivos utilizados como quartos, que continham janelas de madeira de uma folha. Ao final tem-se a cozinha, com uma janela guilhotina direcionada para a fachada lateral direita, e tinha uma porta de madeira, direcionada para a área externa da casa. A cozinha dá acesso ao banheiro.

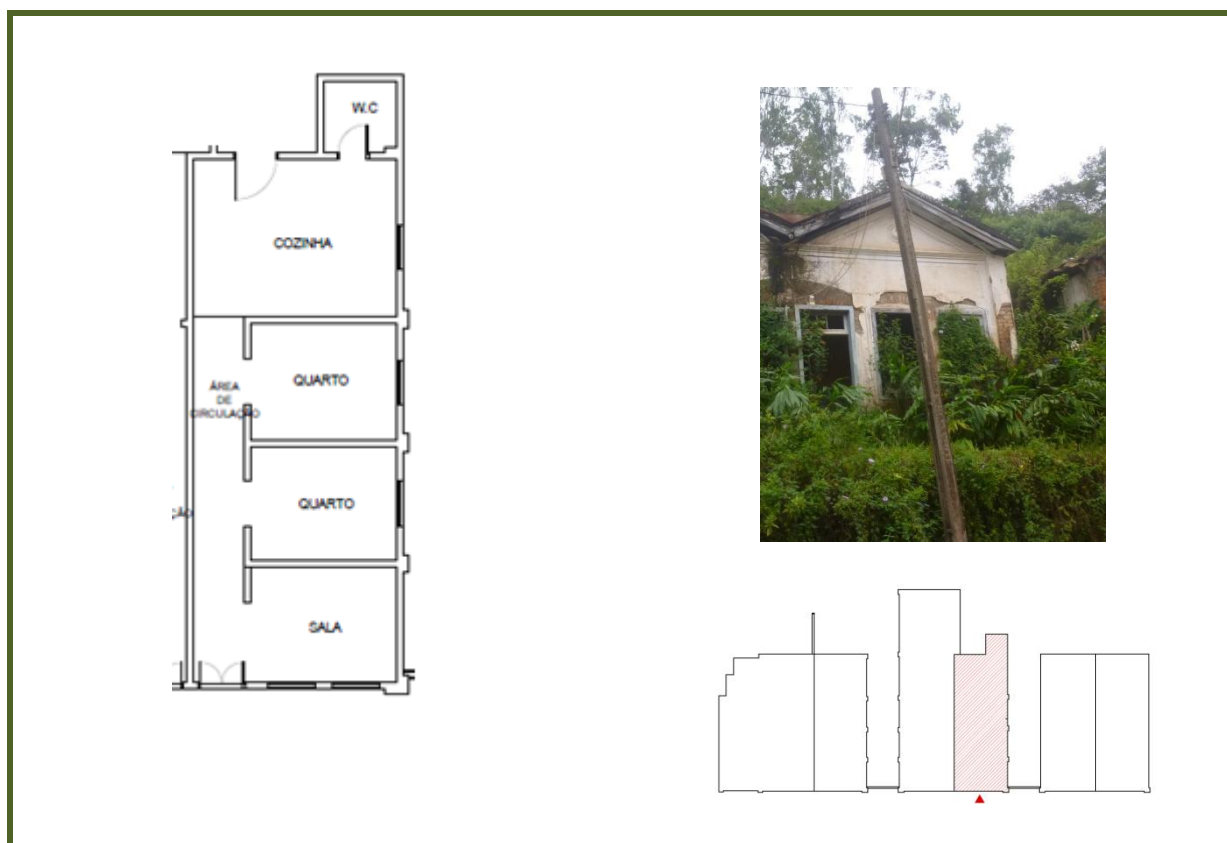


Figura 24: Casa 4: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 4 em relação ao bloco B.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

O bloco C, localizado na parte direita do terreno, é composto por mais duas edificações geminadas. Devido às condições precárias desses imóveis, não foi possível ter acesso ao interior, sendo realizado o desenho arquitetônico através de relatos de pessoas que ali residiram.

O acesso principal da casa 5 (fig. 25) é feito por uma porta localizada na fachada principal. Adentrando acessa-se ao corredor lateral. Primeiramente encontra-se a sala, e em seguida dois cômodos, utilizados como quartos, que possuíam janelas de madeira de uma folha, direcionadas para a fachada lateral esquerda.

Aos fundos encontra-se a cozinha, com uma janela guilhotina, direcionada para a fachada lateral esquerda. A cozinha dá acesso ao banheiro, que possui ou possuía uma janela basculante, direcionada para a área externa da casa.

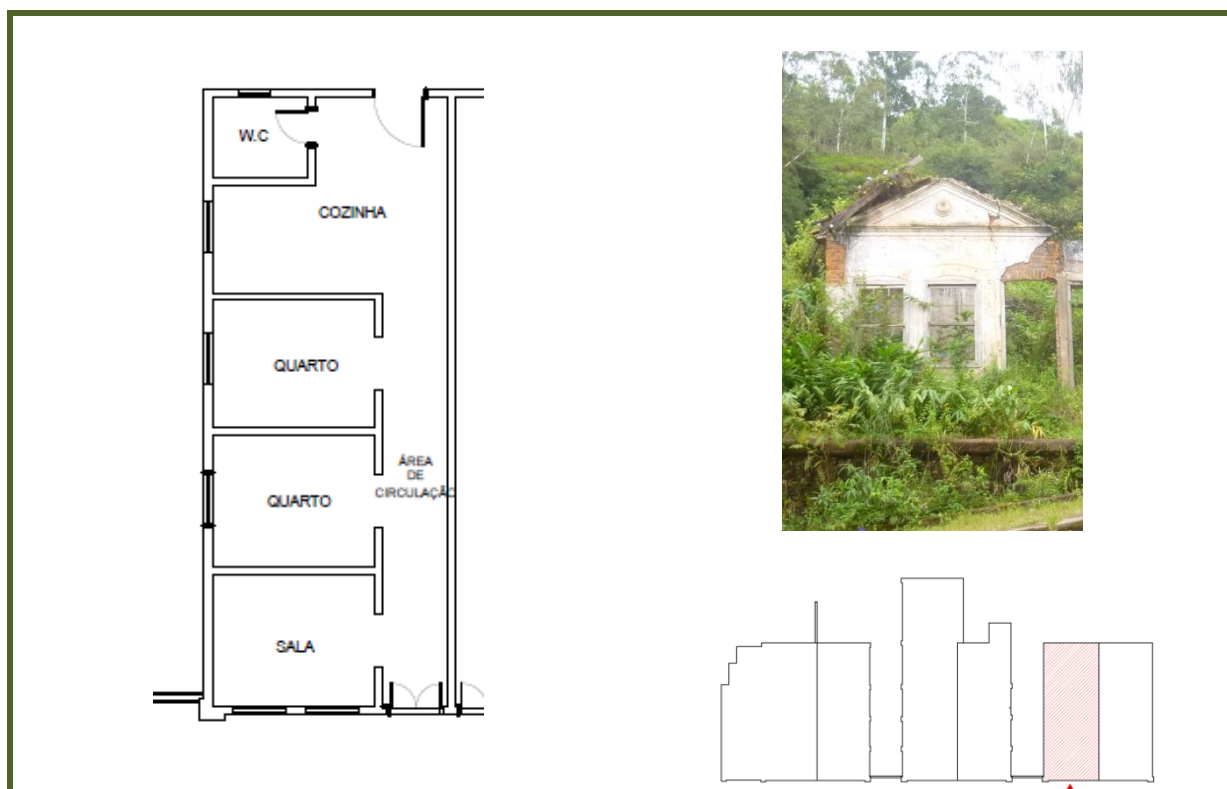


Figura 25: Casa 5: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 5 em relação ao bloco C.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

A casa 6 (fig. 26), não possuía função de residência. Era utilizada como refeitório, pelos operários da fábrica.

Possuía grande espaço, sem divisões internas, com janelas guilhotinas direcionadas para a fachada lateral direita e, ao fundo, encontrava-se o banheiro.

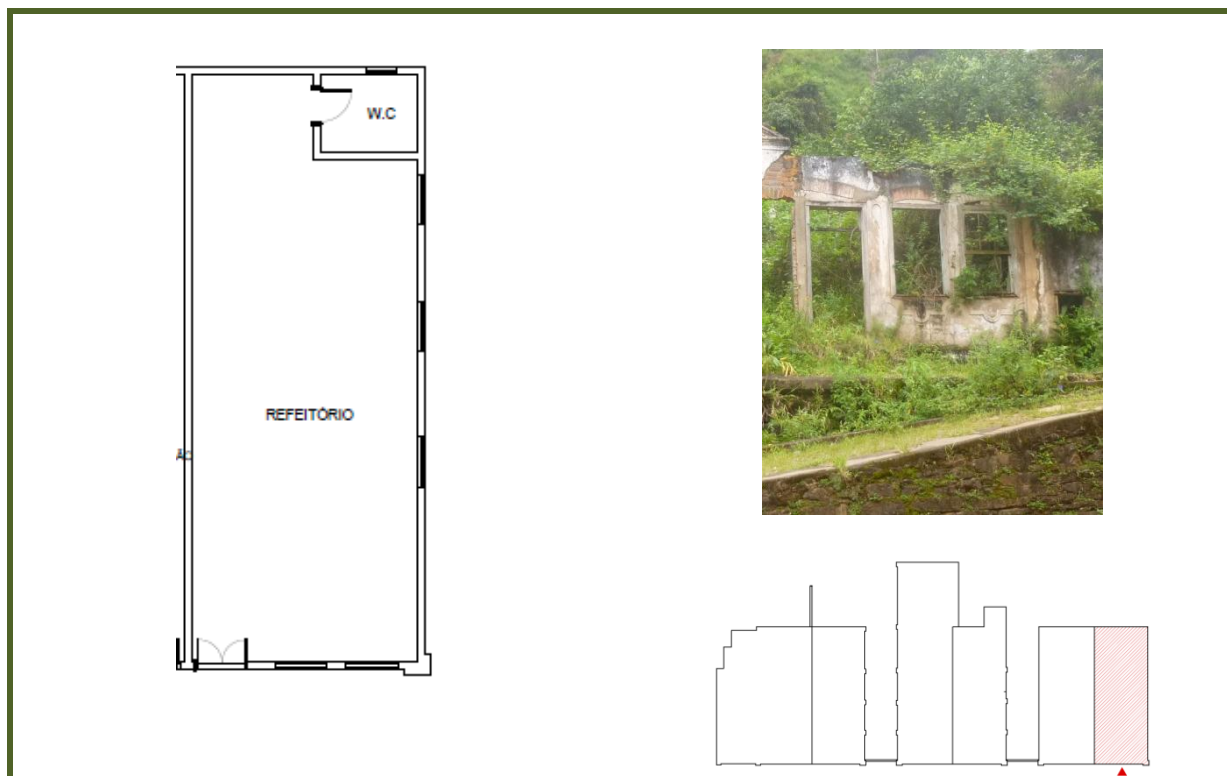


Figura 26: Casa 6: á esquerda tem-se a planta baixa; acima e á direita a foto da fachada e, á direita abaixo a planta de situação esquemática da casa 6 em relação ao bloco C.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

2.2.4 Descrição construtiva

Todas as casas são de alvenaria de tijolinho maciço de com argamassa de cimento (fig. 27) e pintadas na cor branca.



Figura 27: Alvenaria de tijolinho.

Fonte: Michelle Adriane, 2015.

As esquadrias ainda existentes possuem uma cor em tom de cinza escuro, são estreitas porém longas. Nas áreas molháveis (fig. 28 e 29), como banheiro e cozinha, as paredes são revestidas até meia altura com azulejos nas cores brancas, sem nenhum detalhe (fig. 30).



Figura 28: Marcos das portas localizadas no interior da edificação.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.



Figura 29: Marcos das janelas localizadas no interior da edificação.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.



Figura 30: Azulejos encontrados nas edificações, casa 3, bloco B.

Fonte: Michelle Adriane, 2015.

Nos forros existe uma variação: em algumas edificações tem-se o uso de forro paulista e em outras de forro Eucatex aglomerado (fig. 31e 32).



Figuras 31: Forro paulista, casa 1, bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.



Figuras 32: Forro Eucatex aglomerado, casa 2, bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Quanto aos pisos, houve grande dificuldade de identificar suas características, por estarem cobertos por uma grande quantidade de lama, mas foi possível identificar o uso de tacos nas salas, quartos e corredores, além do uso de cerâmica vermelha nas cozinhas e cerâmica branca nos banheiros. (fig. 33 e 34).

O pé direito dessas edificações são altos, possibilitando uma melhor ventilação.



Figura 33: Piso de cimento queimado atualmente.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.



Figura 34: Piso de cimento queimado em 2010.
Fonte: Inventário de proteção do acervo cultural-IPAC- Ouro Preto - Minas Gerais, 2010.

Cada edificação possui cobertura independente de duas águas, com cumeeira perpendicular a rua, telha cerâmica capa e canal e tesouras de madeira convencionais. Abaixo dos beirais existe guarda-pó de madeira, pintado na cor branca (fig. 35).

Especificamente na casa 1 do bloco A existe um telhado de uma água sobre um anexo, assim como em um cômodo na casa 4 do conjunto B.



Figura 35: Guarda-pó localizado abaixo dos beirais.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

A fachada principal é marcada por detalhes. Suas esquadrias possuem vergas retas emolduradas por arcos abatidos em argamassa (fig. 36) Em cada casa existe um único frontão triangular com detalhes de cornija em relevo e, centralmente, um detalhe circular e escalonado (fig. 37). Abaixo das portas existe uma pequena escada de três degraus, facilitando o acesso principal às edificações.

As fachadas laterais e posteriores não possuem nenhum detalhe, apenas aberturas para as esquadrias.



Figura 36: Esquadrias de verga reta emolduradas por detalhes de arco abatido em argamassa.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 37: Frontão triangular com detalhes de cornija em relevo, e centralmente detalhe circular e escalonado
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

2.2.5 Descrição estilística

As edificações em estudo foram construídas no final século XIX, para abrigar os operários da fábrica de tecidos. O prédio original da fábrica possuía estilo eclético¹⁹, da mesma forma que as residências.

O período em que ambas foram construídas foi caracterizado por grandes mudanças no país. A coroa portuguesa chegou ao Rio de Janeiro com grandes artistas e

¹⁹ A palavra ecletismo significa a atitude antiga de formar um todo a partir da justaposição de elementos escolhidos entre diferentes sistemas. Pode ser eclético um sistema moral ou filosófico, uma coleção de objetos ou simplesmente o gosto ao vestir-se. Existiam dois níveis muito distintos: o útil e o decorativo. BONAMETTI, João Henrique. A Arquitetura Eclética e a Modernização da Paisagem Urbana Brasileira. R. cient./FAP, Curitiba, v.1, p., jan./dez. 2006.

profissionais de diversas áreas, modificando todo o mercado econômico, uma vez que permitiu a construção de novas indústrias de grande escala.

A existência da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro teria Influído diretamente na adoção de padrões menos rígidos. De fato, a presença da Missão Cultural Francesa e da Academia, prestigiando a difusão da arquitetura neoclássica, iria favorecer, simultaneamente, a implantação de tipos mais refinados de construção, contribuindo desse modo para o abandono das velhas soluções coloniais. (REIS FILHO, 1970, pág. 36).

Foi neste contexto que a fábrica e as residências foram construídas, utilizando o estilo eclético que predominava nas capitais.

As residências foram construídas de tijolinhos maciços, material que se difundiu e tornou muito utilizado na arquitetura eclética. Com a necessidade de criação de fábricas em diversos campos, as o emprego destes tijolinhos possibilitou um processo construtivo com maior precisão, rapidez e eficácia, impulsionado também pela possibilidade de transportar este material para diversos lugares com maior facilidade.

As paredes perimetrais, de modo geral, continuam a desempenhar papel estrutural, difundindo-se o uso, neste momento, dos tijolos cerâmicos maciços que possibilitam a execução de medidas mais precisas. No entanto, o emprego deste material mantém-se ainda de certa forma arraigado às técnicas tradicionais, pois os profissionais continuam a construir as alvenarias com as mesmas espessuras utilizadas anteriormente (FILHO, Nestor Goulart Reis, 1997).

Outro material empregado nas residências foi o piso de taco, também característico da época, pois com a fabricação de máquinas que facilitavam o corte em madeiras, os mesmos tornaram-se mais sofisticados e fáceis de serem encaixados no momento da instalação.

Os pisos mais correntemente empregados são os de madeira ou os ladrilhos hidráulicos. No caso das madeiras, as inovações estão relacionadas ao melhor aparelhamento das peças, alcançando um maior apuro formal e maior refinamento nos detalhes e encaixes (difunde-se o encaixe macho-e-fêmea), característica marcante deste fim de século XIX devido ao aparecimento das serrarias mecânicas. Estes refinamentos técnicos ampliam o leque de possibilidades formais, onde os pisos podem formar um sem número de desenhos decorativos, auxiliando assim, na ornamentação dos ambientes internos, sejam eles em tabuado, parquets ou tacos. (RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; MELO, Carina Mendes dos Santos. Técnicas Construtivas do Período Eclético no Rio de Janeiro - Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação. Vol.1, No.3, pp. 080 - 085).

No decorrer do século XIX, os tabuados corridos de madeira vão tendo a sua largura reduzida, de uma média de 0,40m para uma variação de 0,10m a 0,15m, empregando-se com frequência o pinho-de-riga, a peroba do campo ou o ipê, mas encontrando-se também madeiras mais fracas como o jequitibá rosa e o pinho nacional (VASCONCELLOS, Sylvio de, 1979).

Os afastamentos laterais entre as residências, não só possibilitam a utilização desses espaços como jardins e melhoram a ventilação interna, mas também enfatizam o estilo eclético das edificações.

A fachada principal também possui afastamento, com telhado paralelo à via e a utilização de calhas metálicas. Detalhes como a utilização do frontão triangular, a cimalha, as empenas e os detalhes sobre as esquadrias remetem a elementos da arquitetura clássica grego-romana, prática muito comum no estilo eclético (fig. 38).

Em relação às plantas das residências, tem-se como características do estilo eclético a divisão interna, composta de mais cômodos com diferentes funções. Tais cômodos são ventilados e salubres devido à abertura de mais vãos e utilização de esquadrias maiores. Destaca-se também a existência de banheiro no interior da edificação.



Figura 38: Frontão presente na parte superior das edificações.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

2.2.6 Levantamento arquitetônico

Para obtenção do desenho arquitetônico, foi necessário realizar quatro visitas *in loco*, cada uma com duração entre duas a quatro horas.

Foram utilizados para medições trena metálica, trena de fibra de vidro e metro. Para a confecção dos croquis, utilizou-se lápis, borracha, prancheta e folhas de ofício tamanho A4.

Antes de se efetuar a medição de maneira segura e eficaz, seria necessário realizar uma capina ao redor das edificações, que estavam coberta por grande quantidade de vegetação (figs. 39 e 40). Porém, devido a grande concentração de vegetação, foi possível apenas a

realização de uma limpeza nos locais próximos à alvenaria, para possibilitar a coleta de dados com êxito.

Depois da limpeza, conseguiu-se ter acesso ao interior das edificações do bloco A (fig. 41 e 42) e B, através da porta principais.



Figura 39: Concentração de vegetação, na fachada principal da casa 3, bloco B.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 40: Concentração de vegetação, na fachada posterior da casa 2, bloco A.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 41: Concentração de vegetação, na fachada principal do bloco A, antes da limpeza.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 42: Fachada principal do bloco A, depois da limpeza.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

A medição horizontal foi realizada com facilidade, pois os cômodos se encontram em sequência, e não há obstáculos nessa direção.

Já na medição na vertical houveram dificuldades, principalmente devido a grande concentração de barro, sendo necessário cavar buracos para se alcançar o piso tanto no interior (fig. 43 e 44) quanto no exterior das edificações. (fig. 45 e 46).



Figura 43: Buraco cavado no interior da casa 1, bloco A.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 44: Buraco cavado no interior da casa 1, bloco A.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 45: Buraco cavado na parte inferior, na fachada principal da casa 1, bloco A.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



Figura 46: Buraco cavado na parte inferior, na fachada principal da casa 1, bloco A.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

Diante estas limitações, as medidas de alturas como pé direito, peitoril e dimensões da escada de acesso, localizada na fachada principal, foram coletadas apenas na casa 1 do bloco A e padronizadas nas demais residências.

O bloco C se encontra em estado avançado de degradação, sem paredes internas, telhado, esquadrias. No interior das casas deste bloco há uma vegetação muito densa, o que impossibilitou o acesso (fig. 47 e 48). Assim, o desenho arquitetônico dessas edificações foi realizado de acordo com relatos antigos moradores que residiam nas proximidades e através da observação *in loco* da parte externa.



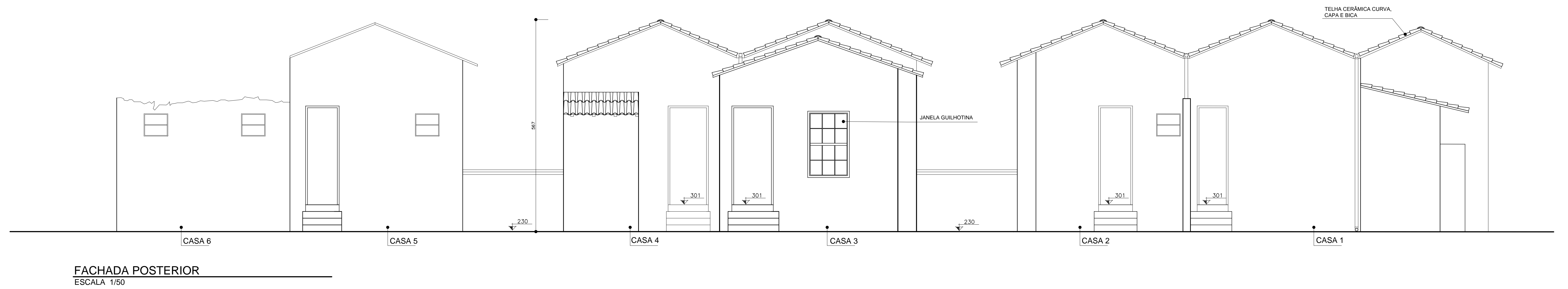
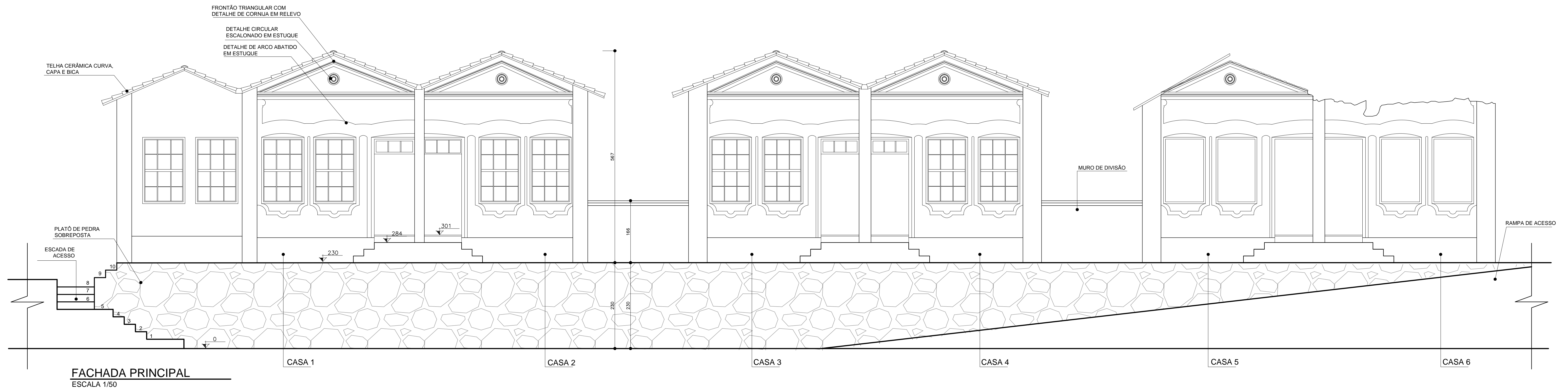
Figura 47: Vista superior, do bloco C.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.



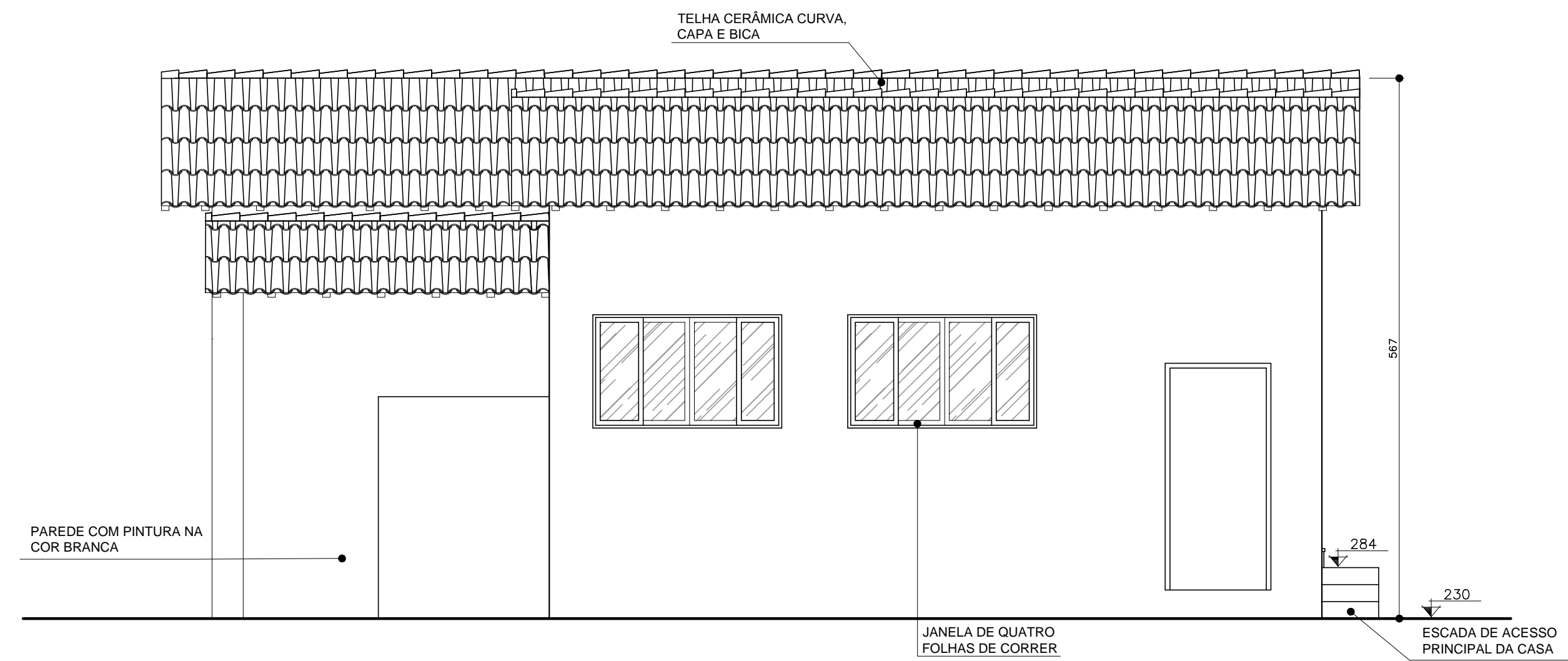
Figura 48: Fachada lateral direita da casa 6, do bloco C.
Fonte: Michelle Adriane, 2015.

Apesar da precariedade das edificações e dos fatores limitantes do seu entorno imediato, foi possível coletar dados suficientes para realização do levantamento arquitetônico com êxito.

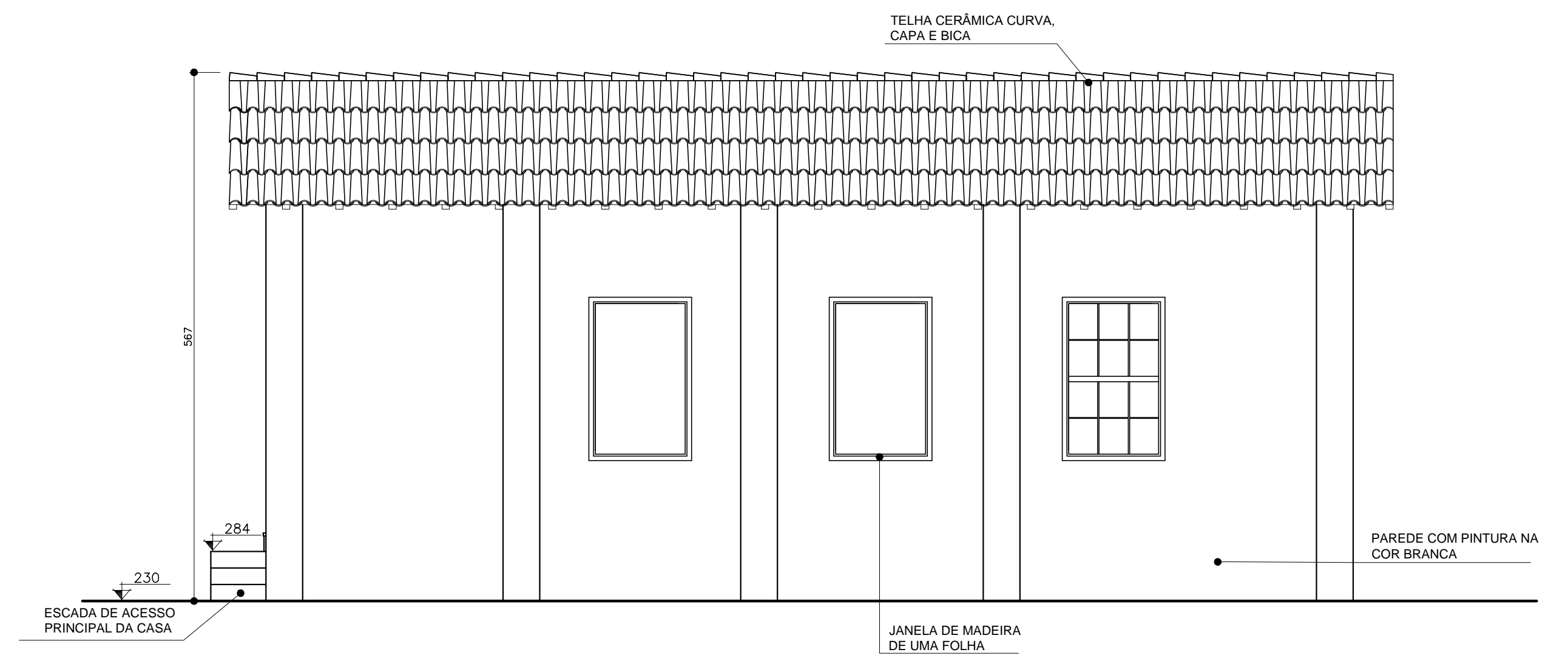
Segue o levantamento arquitetônico:



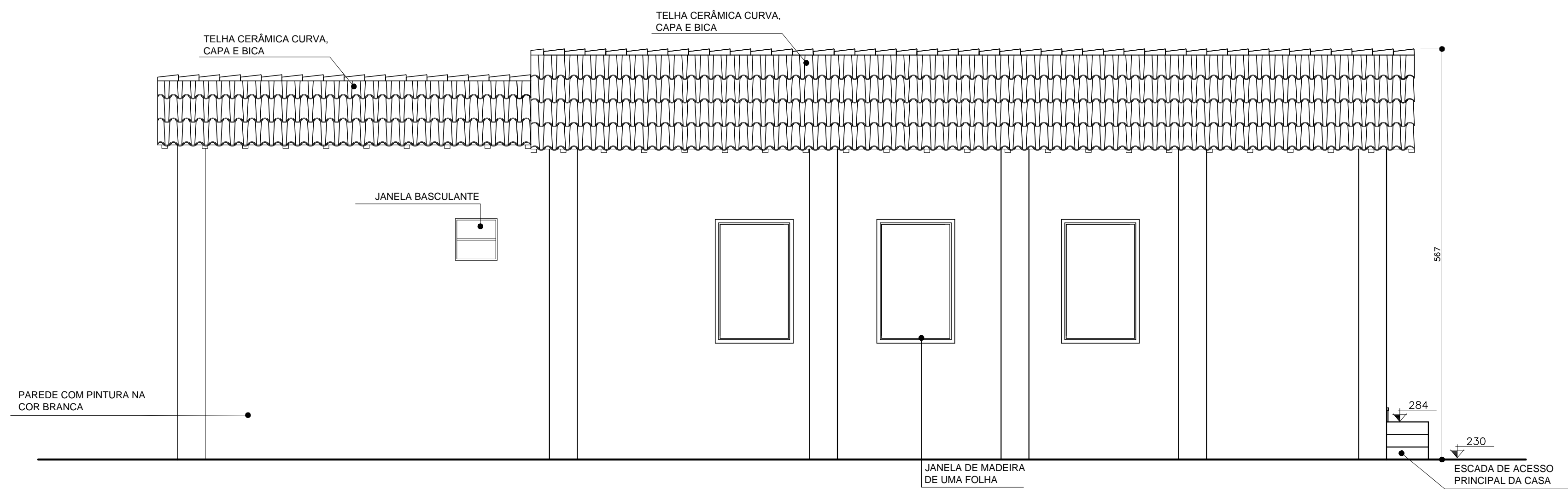
O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro		
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO		
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Fachada principal/Fachada posterior	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 01/10



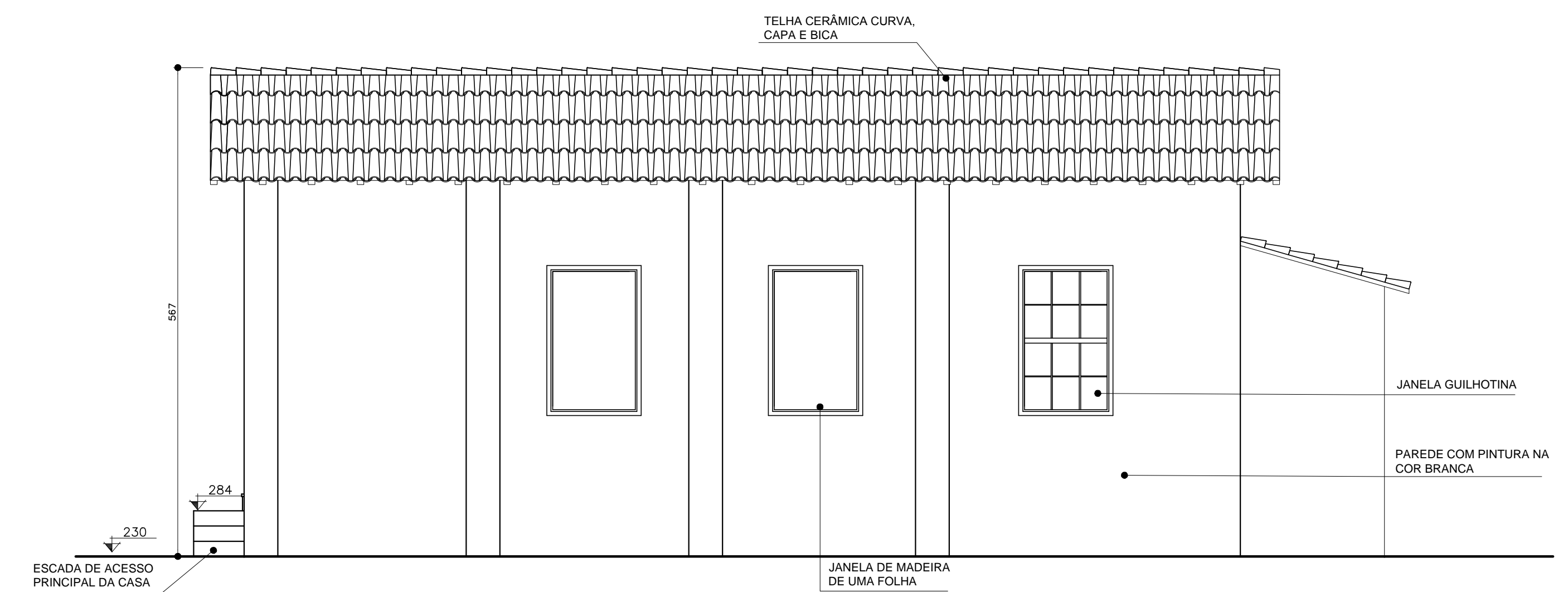
FACHADA LATERAL ESQUERDA, CASA 1, BLOCO A
ESCALA 1/50



FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 2, BLOCO A
ESCALA 1/50



FACHADA LATERAL ESQUERDA, CASA 3, BLOCO B
ESCALA 1/50



FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 4, BLOCO B
ESCALA 1/50

O conjunto residencial dos operários da
antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Michelle Adriane de Lima Mendes

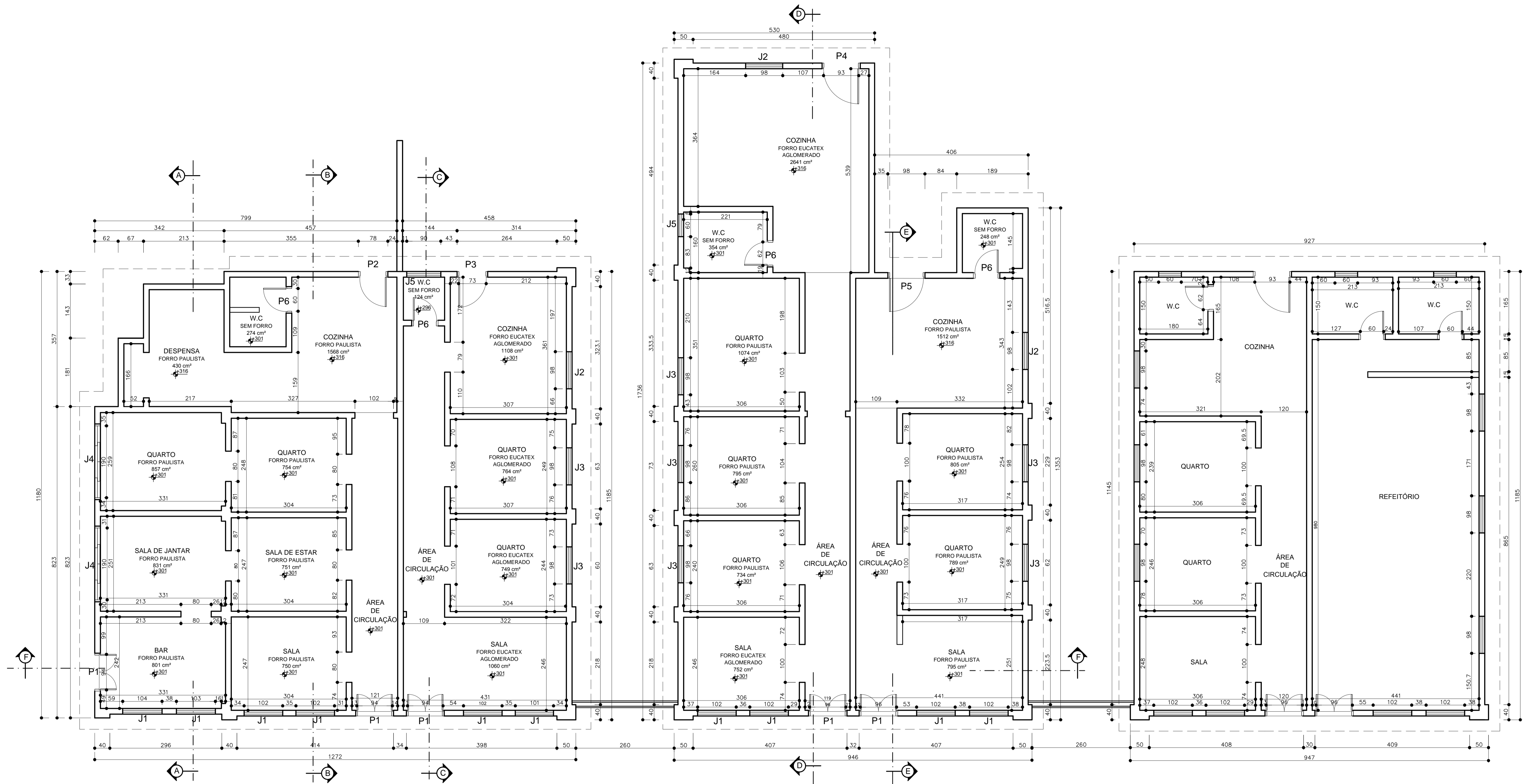
ABRIL/2016

CONTEÚDO:
Fachada lateral esquerda, casa 1, bloco A
Fachada lateral direita, casa 2, bloco A
Fachada lateral esquerda, casa 3, bloco B
Fachada lateral esquerda, casa 4, bloco B

ESCALA:
1:50

FORMATO:
Indicada

FOLHA:
02/10



PLANTA BAIXA DO CONJUNTO
ESCALA 1/50

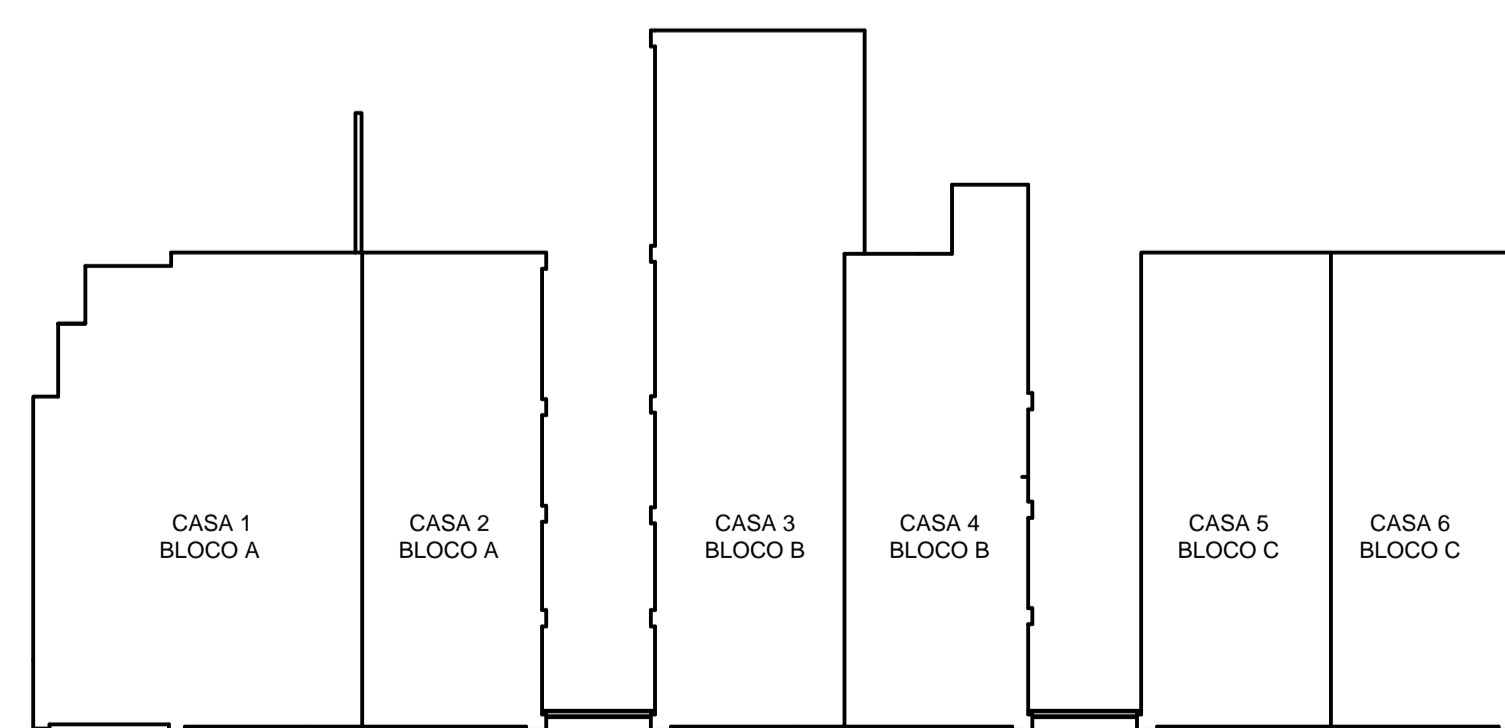


TABELA DE ESQUADRIAS
FALTANTES - JANELAS

CÓD.	QUAN.	DIMENSÃO LARG. x ALT. PEITORIL	Nº DE FOLHAS	OBSERVAÇÕES
J1	10	102 x 168 102	02	GUILHOTINA
J2	03	98 x 170 65	02	GUILHOTINA
J3	07	98 x 160 127	01	VERGA RETA
J4	02	200 x 120 183	04	JANELA DE CORRER DE VIDRO
J5	02	60 x 60 205	02	BASCULANTE

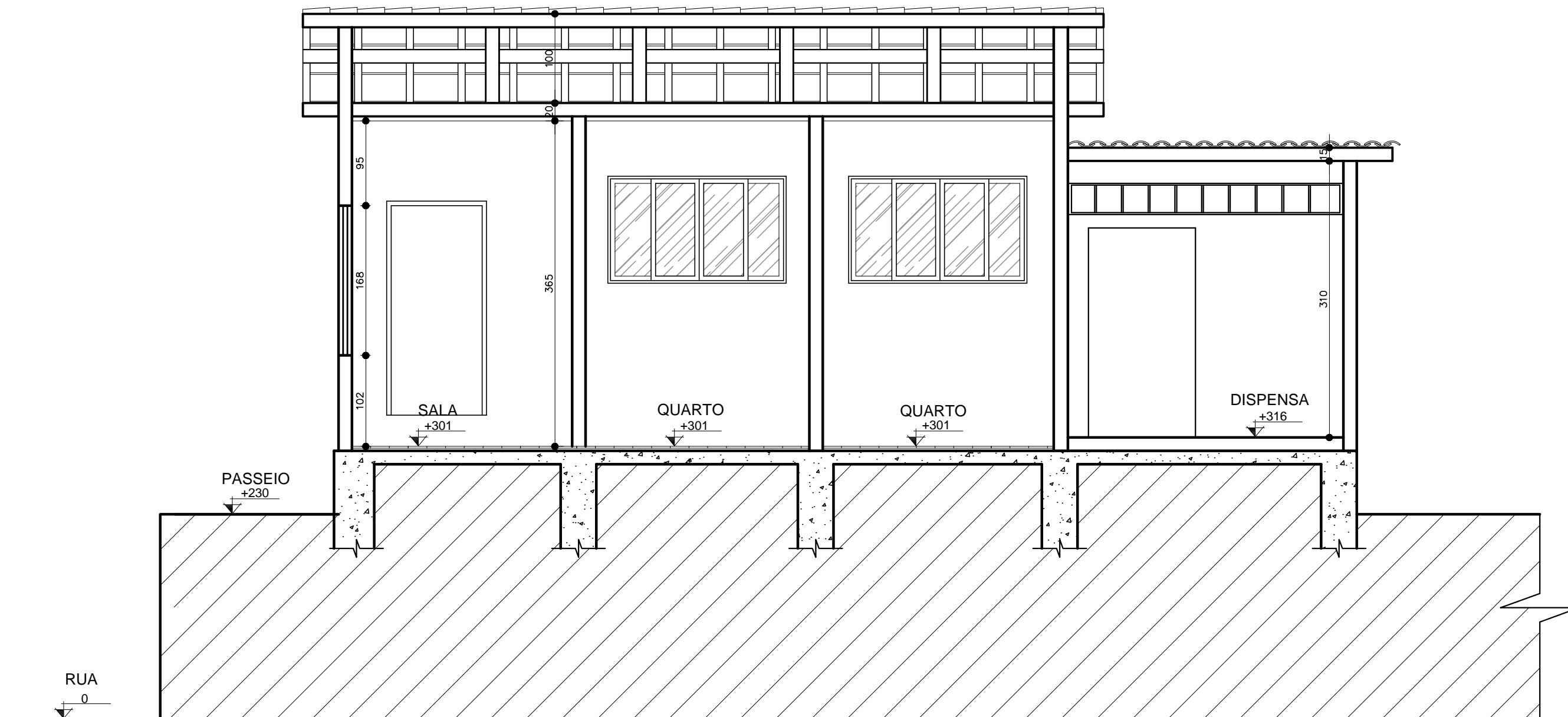
TABELA DE ESQUADRIAS
FALTANTES- PORTAS

CÓD.	QUAN.	DIMENSÃO LARG. x ALT.	Nº DE FOLHAS	OBSERVAÇÕES
P1	05	100 x 220	02	VERGA RETA
P2	01	78 x 260	01	VERGA RETA
P3	01	81 x 260	01	VERGA RETA
P4	01	101 x 260	01	VERGA RETA
P5	01	98 x 260	01	VERGA RETA
P6	01	70 x 225	01	VERGA RETA

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Planta baixa	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 03/10

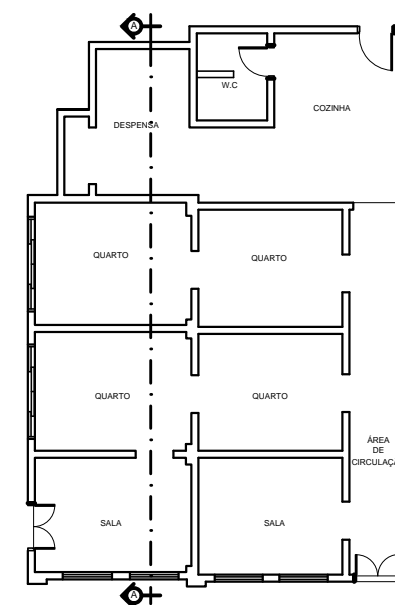


CORTE AA
ESCALA

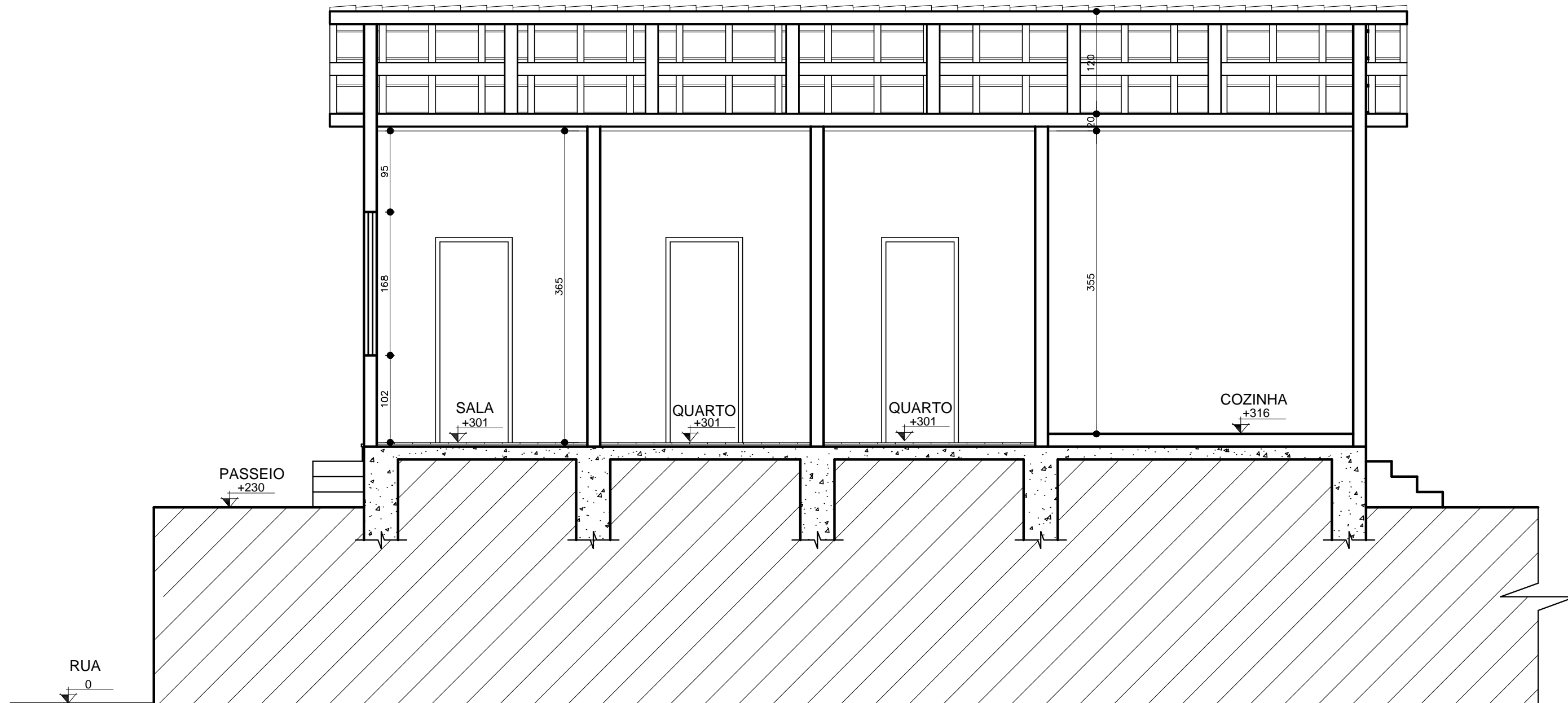
O conjunto residencial dos operários da
antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Corte AA	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 04/10

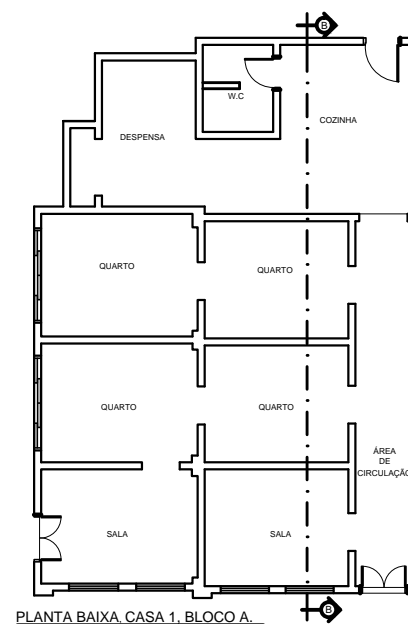


PLANTA BAIXA CASA 1, BLOCO A

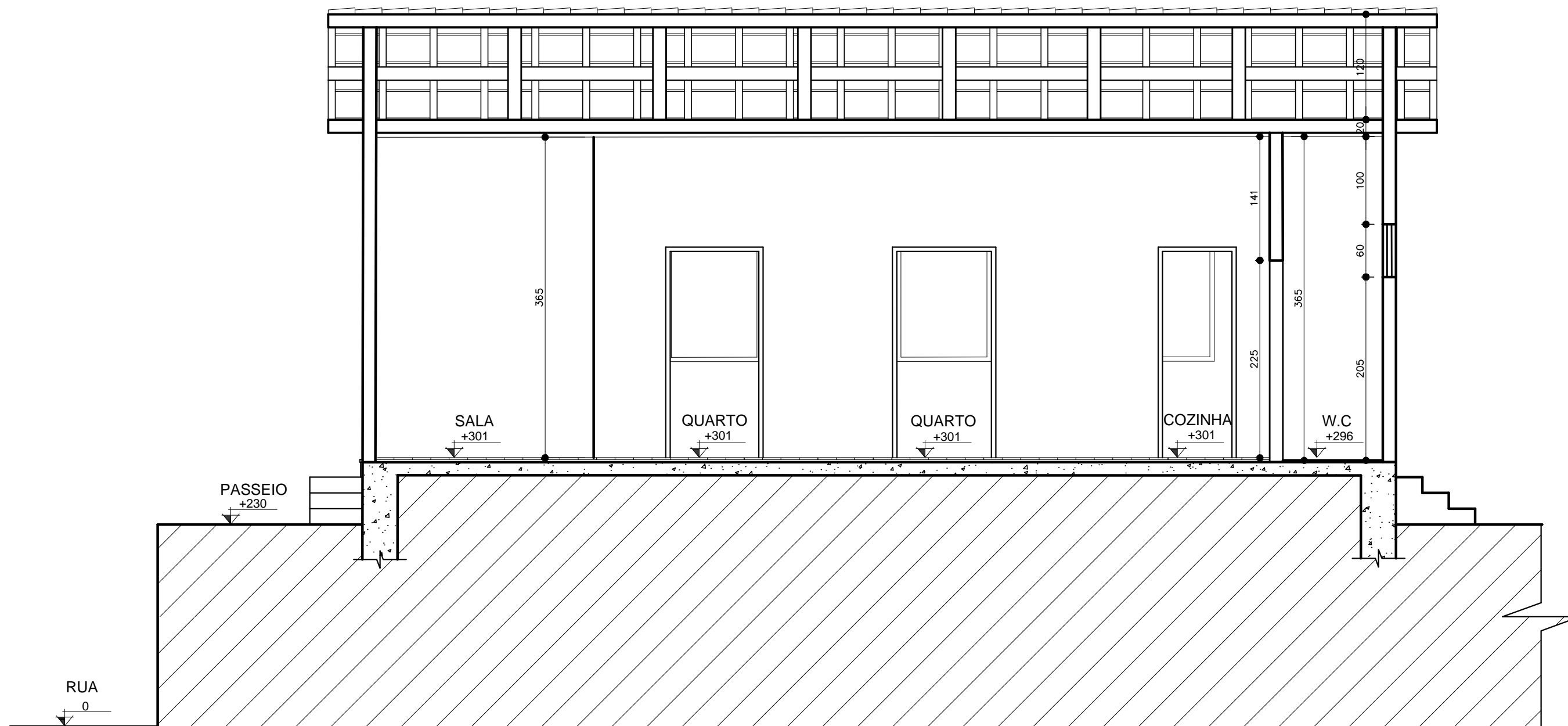


CORTE BB
 ESCALA 1/50

<p>O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro</p>		
<p>LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO</p>		
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Corte BB	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 05/10

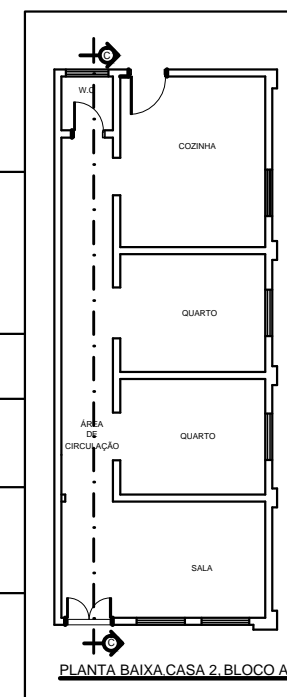


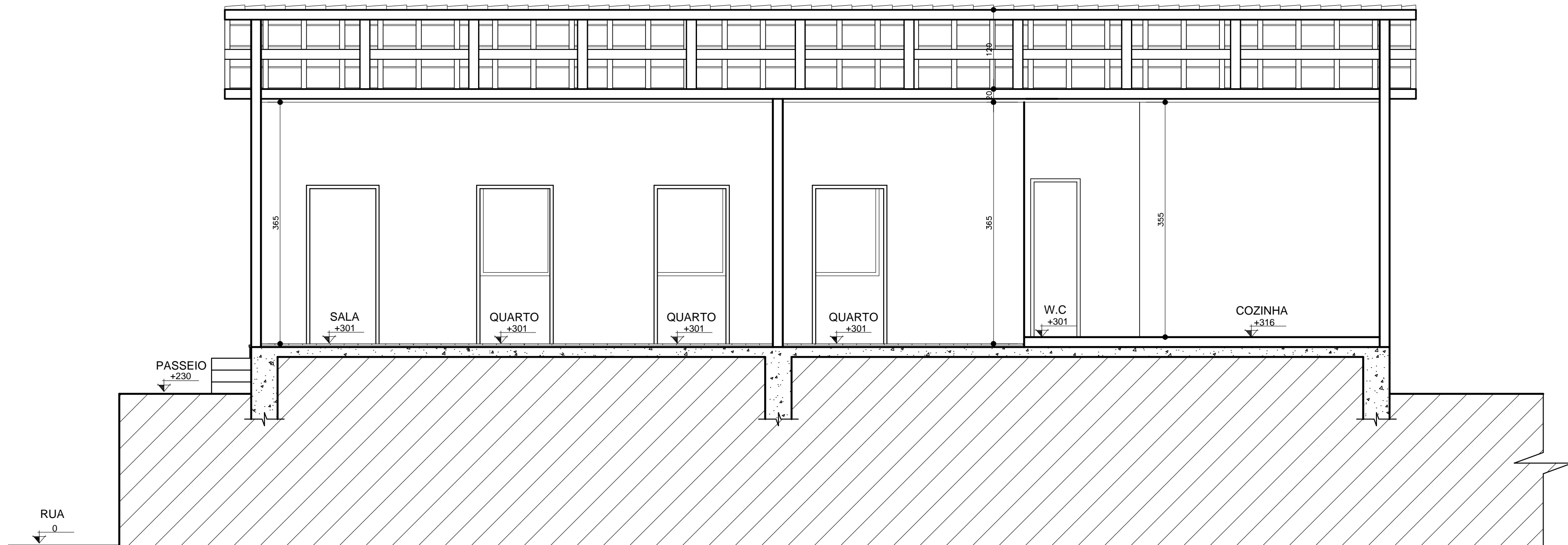
PLANTA BAIXA CASA 1, BLOCO A



CORTE CC
 ESCALA 1/50

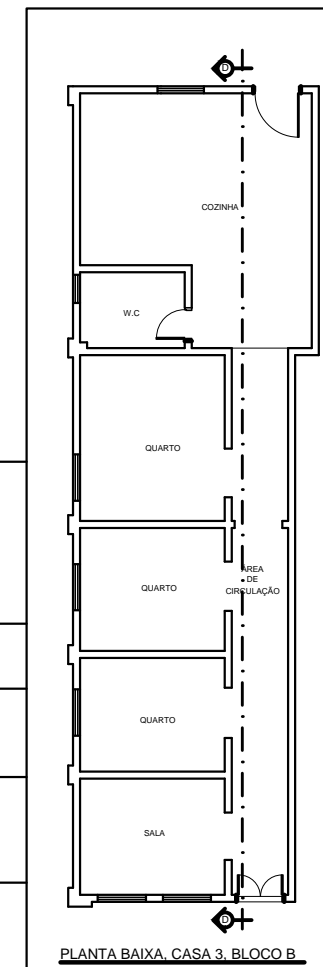
O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro		
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO		
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Corte CC	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 06/10



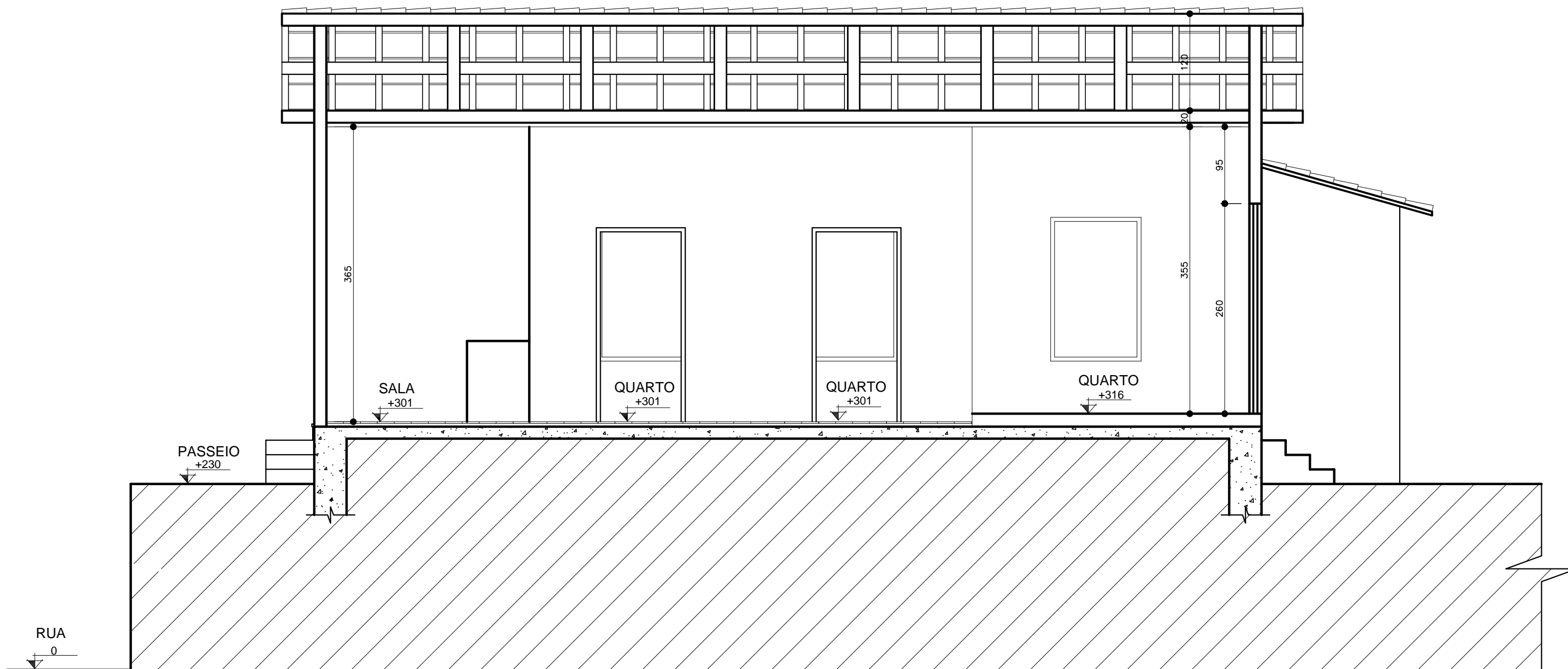


CORTE DD
 ESCALA 1/50

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro		
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO		
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Corte DD	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 07/10



PLANTA BAIXA, CASA 3, BLOCO B

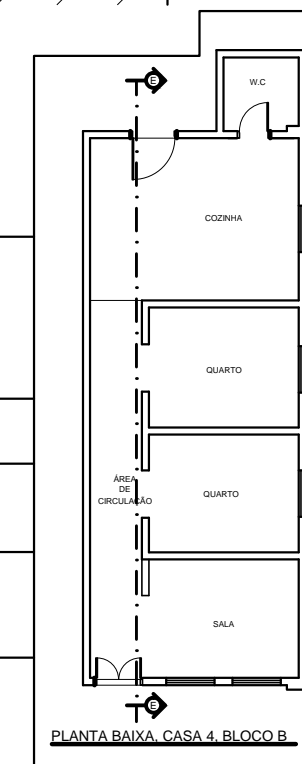


CORTE EE
 ESCALA 1/50

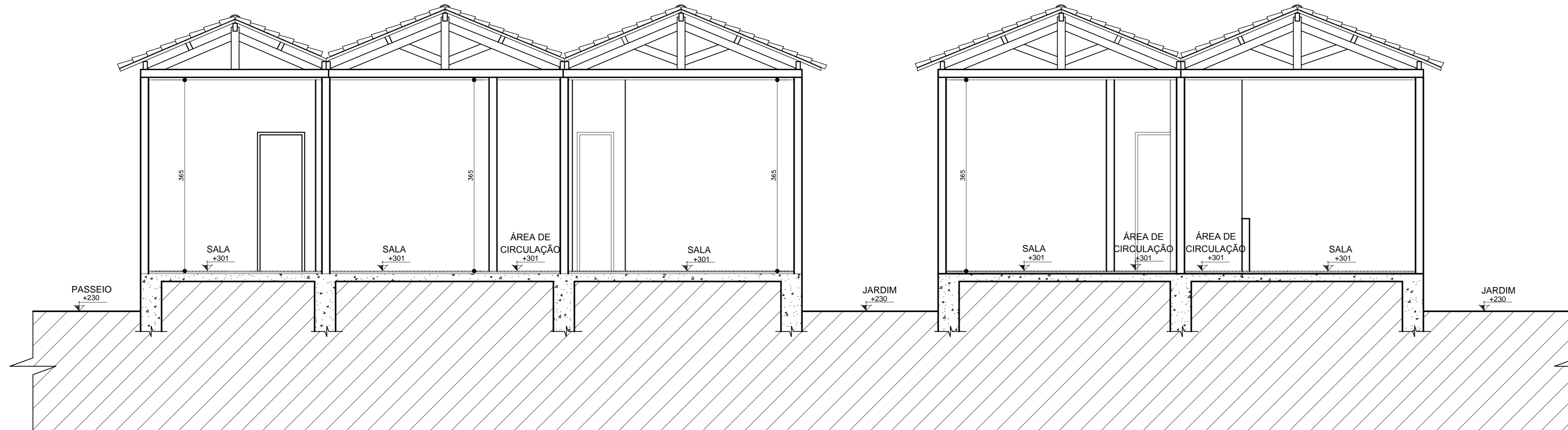
O conjunto residencial dos operários da
 antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Corte EE	ESCALA: 1:50
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 08/10



PLANTA BAIXA, CASA 4, BLOCO B

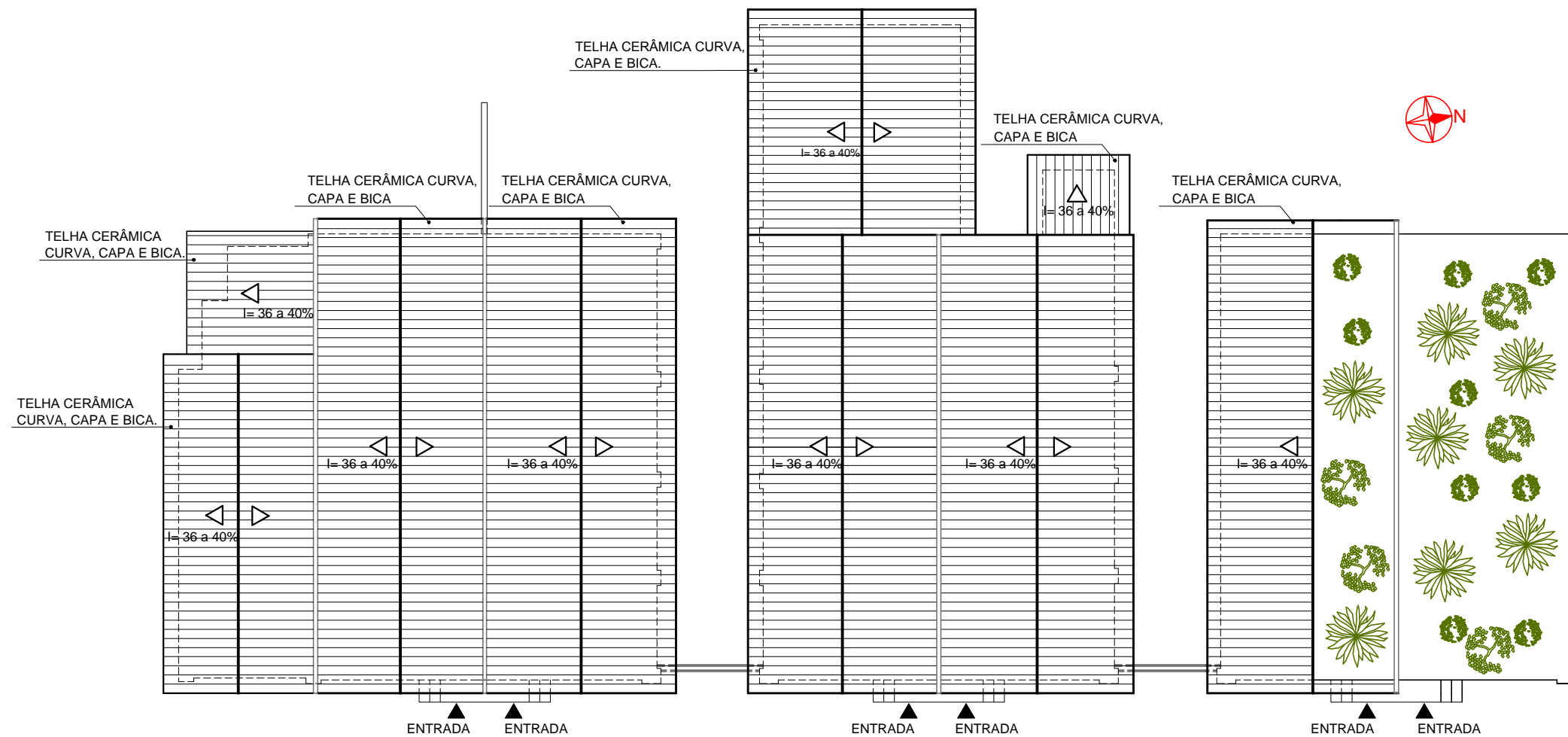


CORTE FF
ESCALA 1/50

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro	
LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	
RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes
CONTEÚDO:	Corte FF
FORMATO:	Indicada
	ABRIL/2016
	ESCALA: 1:50
	FOLHA: 09/10



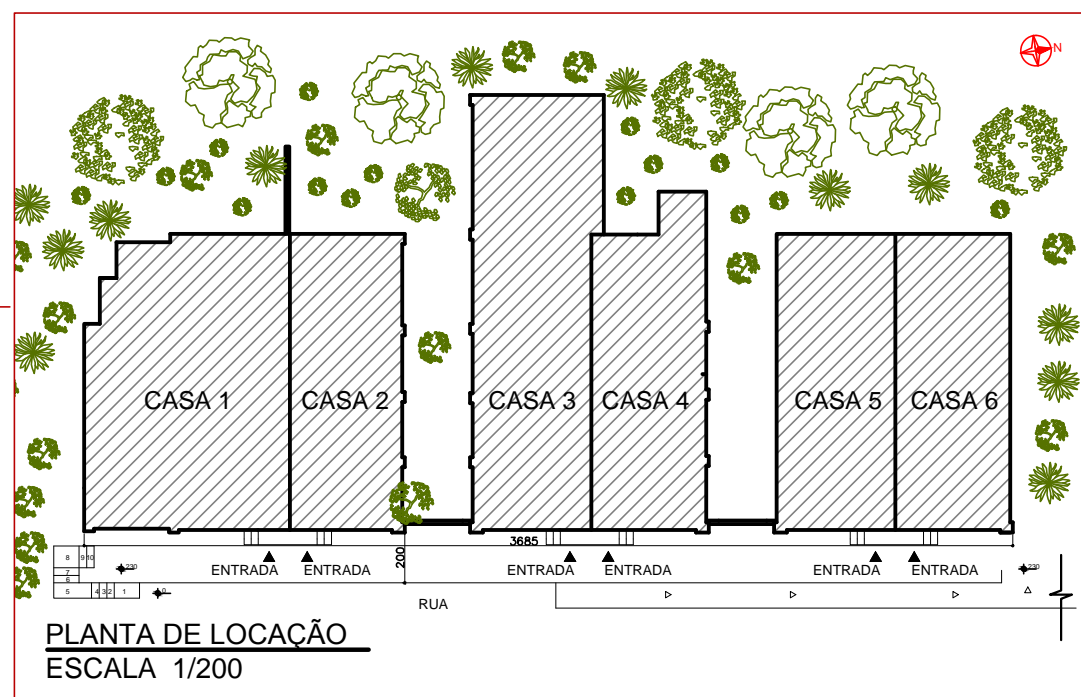
PLANTA BAIXA DOS BLOCOS A e B



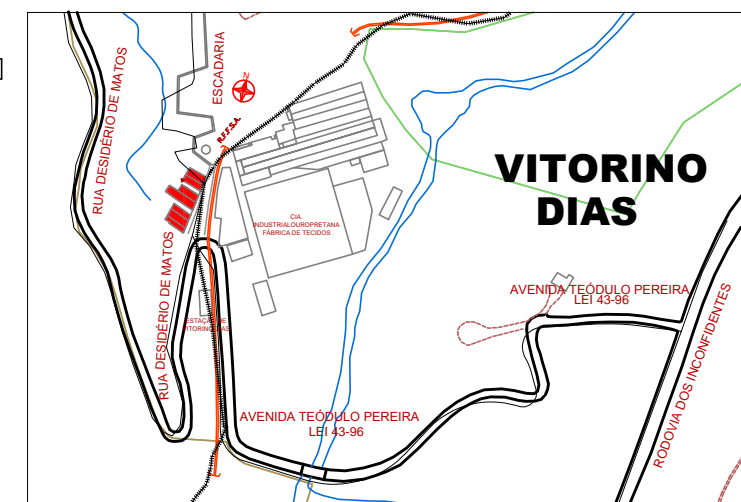
PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1/150



IMAGEM: GOOGLE MAPS



PLANTA DE LOCAÇÃO
ESCALA 1/200



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1/50

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

RESPONSÁVEL TÉCNICO:	Michelle Adriane de Lima Mendes	ABRIL/2016
CONTEÚDO:	Planta de cobertura Planta de locação Planta de localização	ESCALA: INDICADA
FORMATO:	Indicada	FOLHA: 10/10

3 MAPEAMENTO DE DANOS

O diagnóstico do estado de conservação foi elaborado após análise visual, não contemplando análises laboratoriais.

Nesta análise visual consideram-se os materiais e técnicas construtivas utilizados, que possuem o mérito de trazer este monumento até os dias de hoje.

Em paralelo considera-se o longo tempo de exposição aos agentes causadores de degradação. Os danos observados estão relacionados à falta de manutenção e abandono, e à ação contínua do intemperismo.

Para a realização do diagnóstico foi escolhida a casa 2, do bloco A (fig. 49). Contudo na casa 1 - desse mesmo bloco, e nas edificações do bloco B encontram-se as mesmas patologias, pois possuem o mesmo sistema construtivo e estão expostas aos mesmo agentes de degradação.



Figura 49: A esquerda tem-se a foto fachada principal, e a direita a esquematização da planta de locação da casa 2, bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2015.

O conjunto C, não foi avaliado devido ao seu avançado estado de degradação, o que impossibilitou o acesso para a realização de seu diagnóstico.

O Mapeamento de Danos, do Conjunto de Edificações dos operários da antiga Fábrica de Tecidos, é composto pelas Fichas de Diagnóstico, Representação Gráfica dos danos e Relatório Conclusivo do Estado de Conservação de acordo com a sua incidência.

3.1 Fichas de danos

As Fichas de Diagnóstico auxiliam na compreensão das patologias presentes na estrutura trabalhada, pois são compostas por fotografia, referência da alvenaria fotografada e breve apresentação do estado de conservação.

Seguem as Fichas de Diagnóstico:



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BOCO A.



Estado de Conservação: O forro encontra-se degradado pela concentração de umidade local, causada pela perda pontual de peças do telhado. Nota-se também trinca, sujidade e mancha de água descendente na alvenaria.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

01/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BOCO A.



Estado de Conservação: O forro encontra-se degradado pela concentração de umidade local, causada pela perda pontual de peças do telhado, observa-se manchas de umidade, sujidade e perdas pontuais do forro. Nota-se também sujidade e mancha de água descendente na alvenaria.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

02/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Nota-se que as esquadrias possuem perdas pontuais de madeira e vidros, estão envoltas por matéria orgânica e sujidade. Observa-se que as alvenarias próximas possuem sujidade, vegetação de pequeno porte e pátina botânica. Encontram-se também nas alvenarias desenhos e escritas, feitas de maneira inadequada.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

03/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Já o piso não foi possível realizar o diagnóstico pela grande quantidade de barro, concentrado em toda a edificação. Observa-se que por causa desse agente acumulou-se vegetação de pequeno porte no interior da edificação.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

04/20



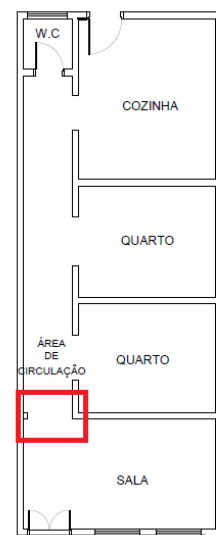
INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Os batentes existentes na edificação encontra-se degradados, com partes faltantes, como exemplo o vidro na parte superior. Na alvenaria nota-se uma grande concentração de pátina botânica.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL
DE 2016

05/20



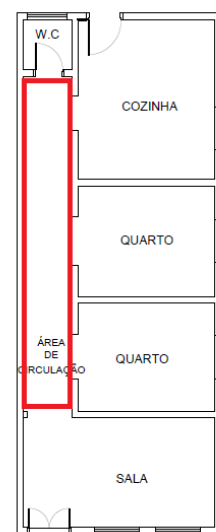
INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O forro da área de circulação da casa encontra-se também deteriorado pela concentração de umidade, causada pela movimentação e perdas das peças do telhado.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

ABRIL

06/20

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

DE 2016



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O piso também está coberto por barro impedindo a sua visualização. Nota-se crescimento de vegetação de pequeno porte e sujeidade.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

07/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Encontra-se no interior da edificação pinturas e escritas de diversas formas, as mesmas podem ser causadoras de patologias, assim como demonstrações de arte da população local.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

08/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O forro do primeiro quarto encontra-se em estado de degradação pelo mesmo agente causador da patologia dos outros cômodos. Nota-se mancha de umidade e sujidade.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

09/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Observa-se nesse cômodo presença de rastros de cupim de solo, o que aumenta os agentes causadores de degradação dessas edificações. O mesmo compromete a estrutura interna das madeiras, às tornando sensíveis e expostas, deixando de cumprir suas funções. Nota-se também presença de sujeira e destacamento da camada pictórica.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

10/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O piso desse cômodo também encontra-se coberto de lama, observa-se marcas de sujeira nas alvenarias e destacamentos da camada pictórica.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

11/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O forro do segundo quarto encontra-se degradado, com manchas de umidade e sujeira.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL
DE 2016

12/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Nesse cômodo também existe rastro de cupim de solo, próximo a esquadria. Observa-se sujidade e destacamento da camada pictórica.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

13/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O piso desse como encontra-se coberto de barro. Nota-se sujeira na parte inferior das alvenarias, devido a essa concentração de barro.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

14/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O forro do banheiro encontra-se extremamente danificado, com algumas peças já deslocadas. Observa-se também a perda de peças do telhado, destacamento da camada pictórica e sujeira.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

15/20



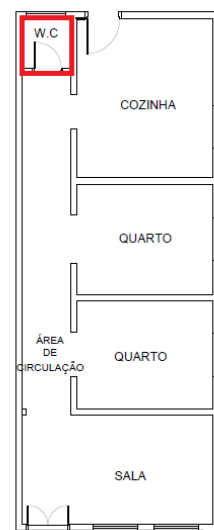
INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Nesse cômodo observa-se a existência de azulejos brancos sem decoração nas paredes, que por sua vez encontra-se com sujeira. O piso também está coberto por barro, e com algumas raízes de vegetação de grande porte.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

16/20



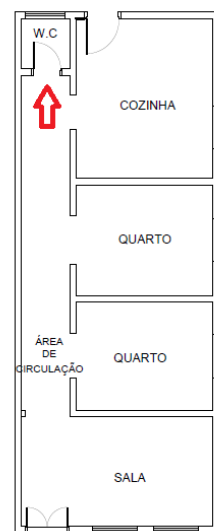
INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Na área externa do banheiro nota-se que a parede encontra-se com destacamento da camada pictórica e sujidade.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

17/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: O forro da cozinha também encontra-se degradado, com presença de manchas de umidade, sujeira e destacamento e perda parcial do forro (placa de Eucatex aglomerado).

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

18/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: Observa-se nesse cômodo concentração de barro sobre o piso, destacamento da camada pictórica, sujeidade e perda de madeira e vidro da esquadria.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

19/20



INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

CAMPUS OURO PRETO

TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

FICHA DE DIAGNÓSTICO

AS RESIDÊNCIAS DOS OPERÁRIOS DA ANTIGA FÁBRICA DE TECIDOS DO
TOMBADOURO. CASA 2, BLOCO A.



Estado de Conservação: A porta de acesso a parte externa da edificação encontra-se sem a esquadria e o marco. Nota-se vegetação de pequeno porte, destacamento da camada pictórica e sujeidade.

Responsável técnico: Michelle Adriane.

Fotografia: Michelle Adriane, 15/04/2016.

ABRIL

DE 2016

20/20

3.2 *Mapa de danos*

Os mapas de danos foram confeccionados para representação gráfica e maior compreensão das patologias presentes no objeto de estudo.

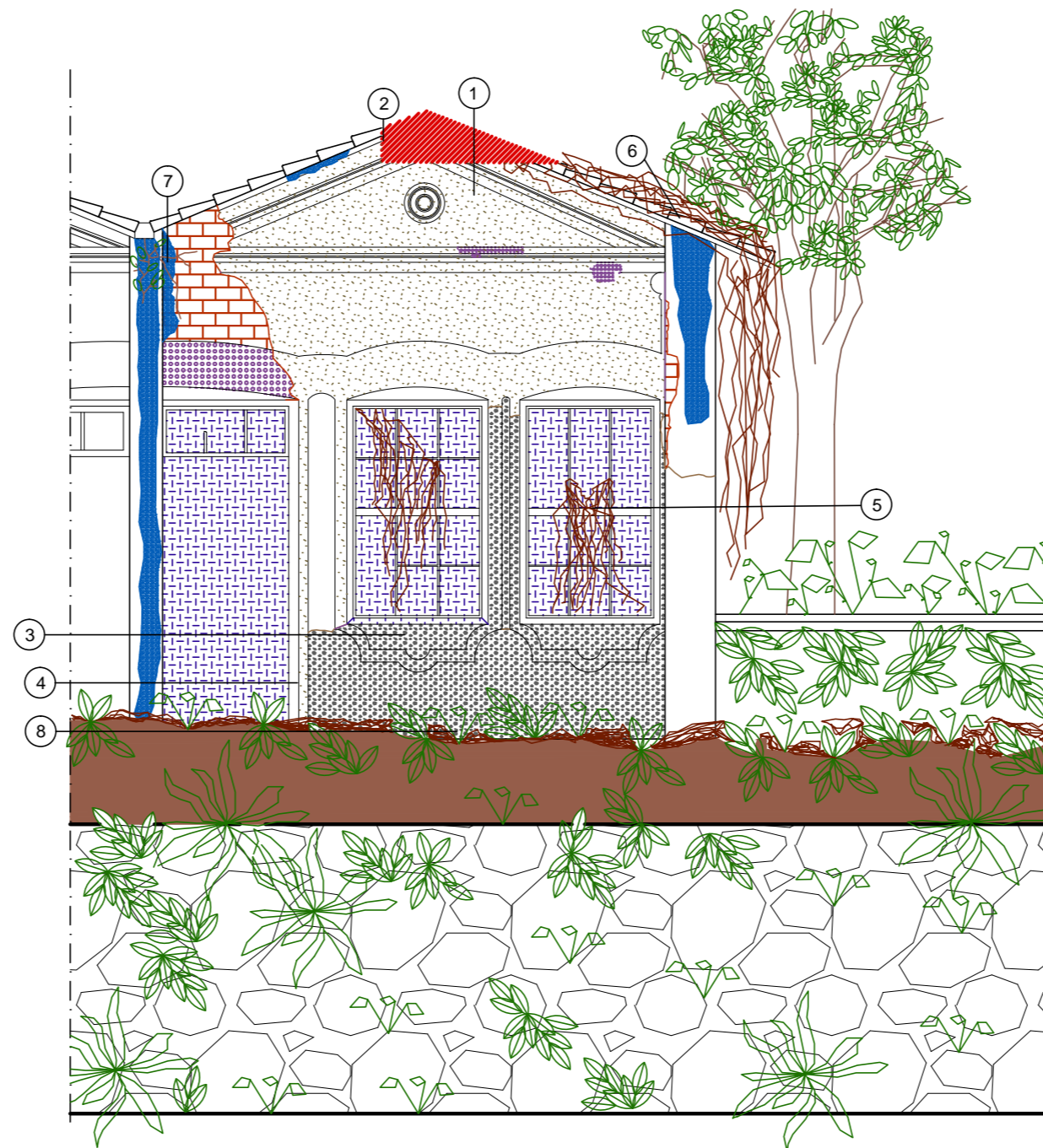
Nessa etapa foram utilizadas representações gráficas da fachada principal, fachada lateral direita e fachada posterior, além de um corte longitudinal, da edificação 2, bloco A.

Paralelamente foram utilizadas fotografias e tabelas, também estão identificados e especificados os danos, agentes e causas prováveis.

As pranchas a seguir apresentam os mapas de danos:



FACHADA PRINCIPAL, CASA 2



FACHADA PRINCIPAL, CASA 2

TABELA DE DANOS

IDENTIFICAÇÃO : FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 2, BLOCO A

ITEM	DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de umidade descendente	- Exposição a intempéries. - Falta de manutenção.	- À pluvial descendo pela superfície externa. - Perdas pontuais de peças do telhado.
	Perda pontual do reboco	- Exposição a intempéries.	- Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Perda pontual do estuque	- Exposição a intempéries	- Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Vegetação de pequeno porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.
	Matéria orgânica	- Matéria decomposta	- Aglomerações de vegetações; - Falta de manutenção; - Decomposição de plantas.
	Perda pontual de peças do telhado	- Exposição a intempéries	- Perda de telhas - Movimentação das estruturas do telhado - Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Perda de elementos das esquadrias	- Exposição a intempéries - Ataque de insetos xilófagos - Ação humana	- Umidade; - Apodrecimento da madeira; - Presença de celulose.
	Destacamento da camada pictórica	- Exposição a intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.
	Sujidade	- Ação humana - Ação eólica e águas pluviais	- Falta de manutenção; - Poeira depositada na superfície do revestimento através dos ventos e da chuva.
	Barro	- Exposição a intempéries - Barranco localizado muito próximo	- Falta de conservação; - Falta de muro de contenção.
	Vegetação de médio e grande porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.



1- Sujidade, matéria orgânica, perda pontual do reboco e do estuque, perda de peças do telhado e mancha de água descendente.



2- Perda de peças do telhado, perda pontual do estuque, matéria orgânica e sujidade.



3- Perda de madeira da esquadria, matéria orgânica, sujidade e destacamento da camada pictórica.



4- Perda de madeira da esquadria, matéria orgânica, sujidade, destacamento da camada pictórica e vegetação de pequeno porte.



5- Matéria orgânica, sujidade, perda pontual de peças das esquadrias, perda pontual do estuque e destacamento da camada pictórica.



6- Matéria orgânica, sujidade, perda de peças do telhado e perda pontual do estuque.



7- Vegetação de pequeno porte, perda pontual do reboco, sujidade e mancha de água descendentes.



8- Vegetação de pequeno e médio porte, sujidade e matéria orgânica.

LOCALIZAÇÃO

MAPA DE DANOS

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

ABRIL/2016

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Michelle Adriane de Lima Mendes

ESCALA indicada

CONTEÚDO:
Fachada principal, casa 2, bloco A.

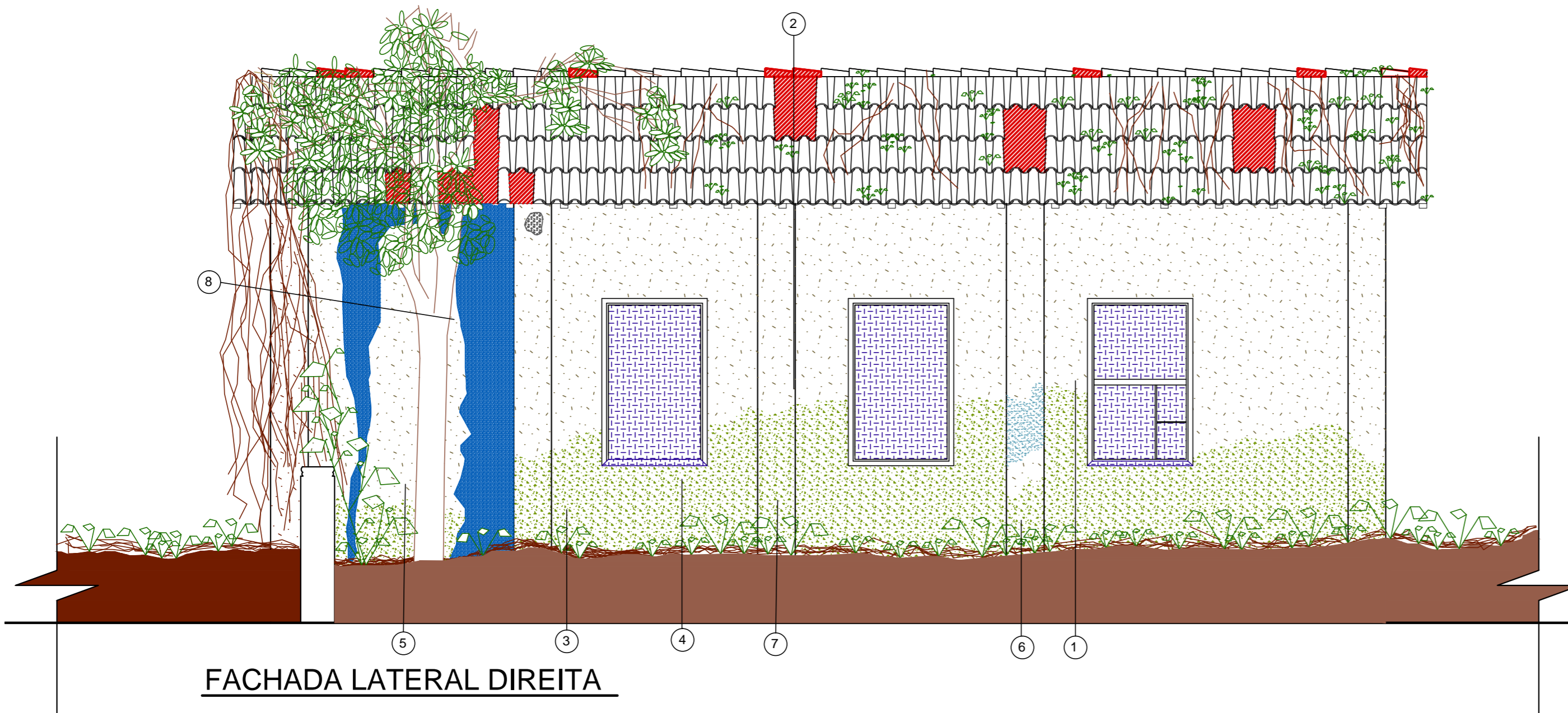
FORMATO:
A2

FOLHA:
01/04

TABELA DE DANOS

IDENTIFICAÇÃO : FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 2, BLOCO A

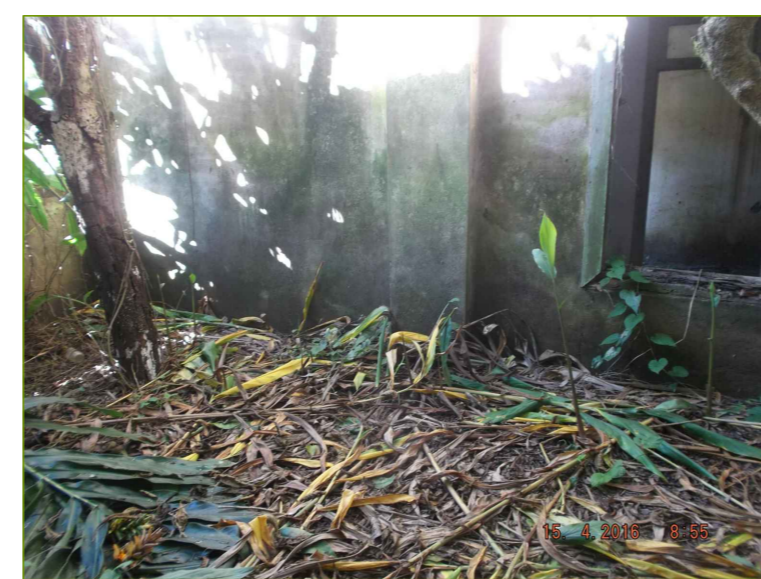
ITEM	DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de umidade descendente	- Exposição a intempéries. - Falta de manutenção.	- À pluvial descendo pela superfície externa; - Perdas de peças do telhado.
	Pátina botânica	- Líquens e musgos	- Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica).
	Desagregação da camada pictórica	- Exposição as intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.
	Vegetação de pequeno porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.
	Matéria orgânica	- Matéria decomposta - Ataque botânico	- Aglomerações de vegetações; - Falta de manutenção; - Decomposição de plantas.
	Perda pontual de peças do telhado	- Exposição a intempéries	- Perda de telhas - Movimentação das estruturas do telhado - Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Perda de elementos das esquadrias	- Exposição a intempéries - Ataque de insetos xilófagos - Ação humana	- Umidade; - Apodrecimento da madeira; - Presença de celuloose; - Vandalismo.
	Destacamento da camada pictórica	- Exposição a intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.
	Sujidade	- Ação humana - Ação eólica e águas pluviais	- Falta de manutenção; - Poeira depositada na superfície do revestimento através dos ventos e da chuva.
	Barro	- Exposição a intempéries - Barranco localizado muito próximo	- Falta de conservação; - Falta de muro de contenção.
	Vegetação de médio e grande porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.



1- Sujidade, matéria orgânica, pátina botânica, perda pontual de madeira da esquadria.



2- Sujidade, matéria orgânica, pátina botânica, Vegetação de pequeno e grande porte, perda pontual de madeira da esquadria.



3- Sujidade, matéria orgânica, vegetação de grande porte, pátina botânica, perda pontual de madeira da esquadria.



4- Sujidade, matéria orgânica, pátina botânica, perda pontual de madeira da esquadria, vegetação de pequeno porte.



5- Sujidade, matéria orgânica, vegetação de pequeno e grande porte.



6- Sujidade, pátina botânica.

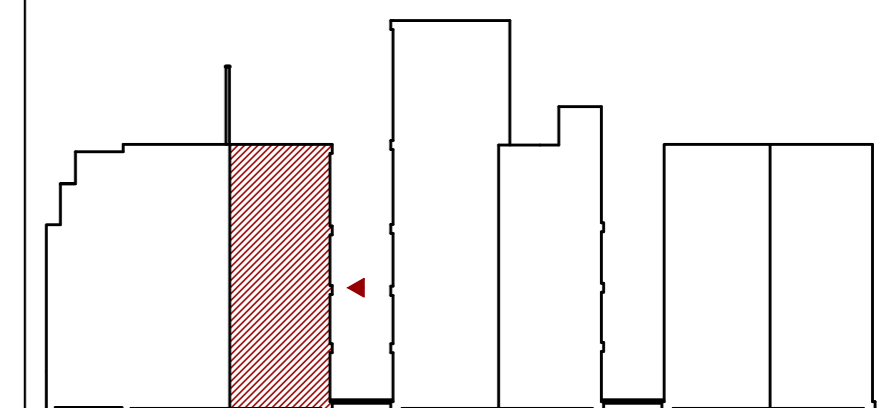


7- Desagregação da camada pictórica.



8- Mancha de umidade descendente, destacamento da camada pictórica, sujidade, matéria orgânica, perda pontual de peças do telhado.

LOCALIZAÇÃO



MAPA DE DANOS

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

ABRIL/2016

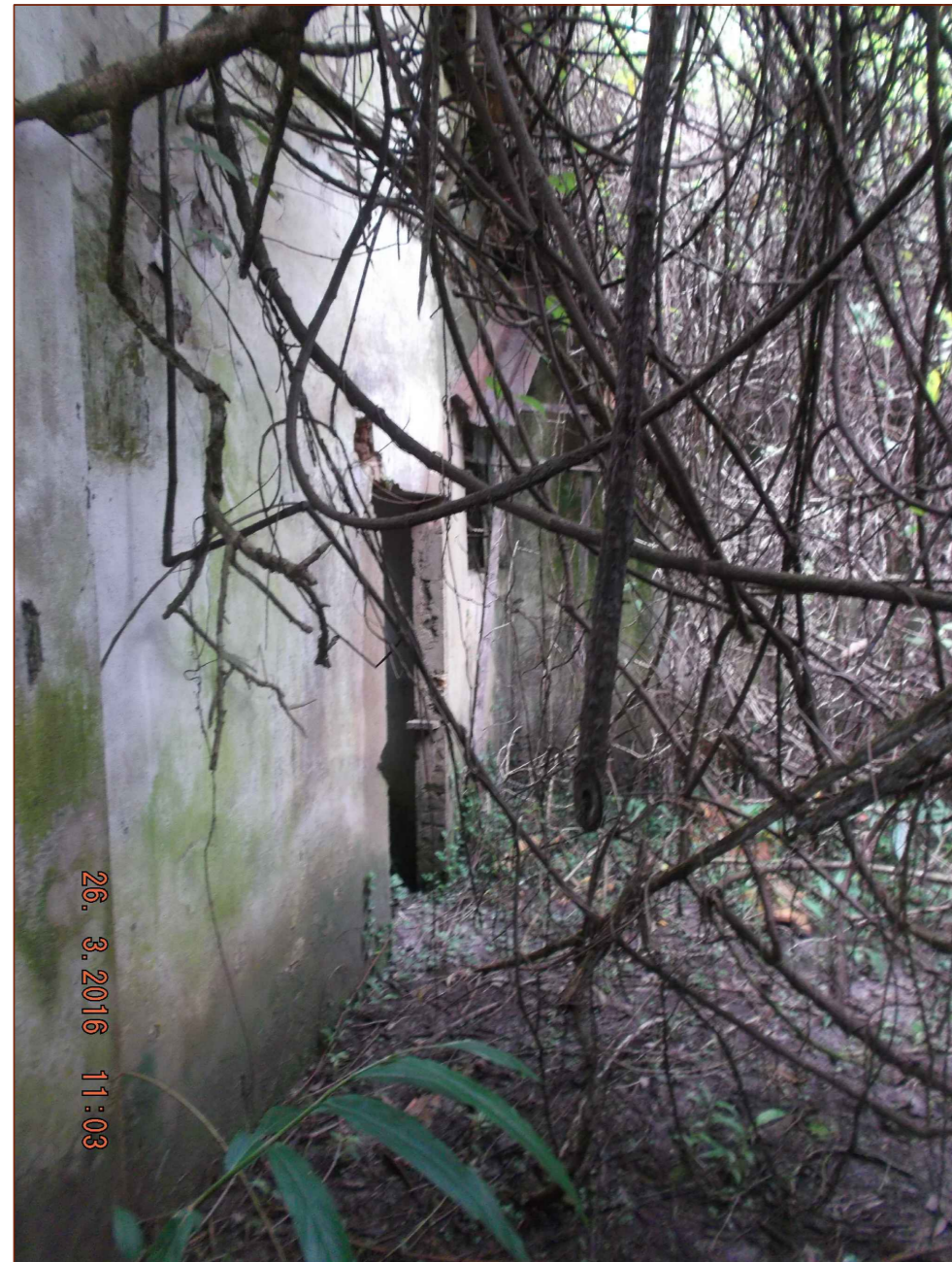
RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Michelle Adriane de Lima Mendes

Escala indicada

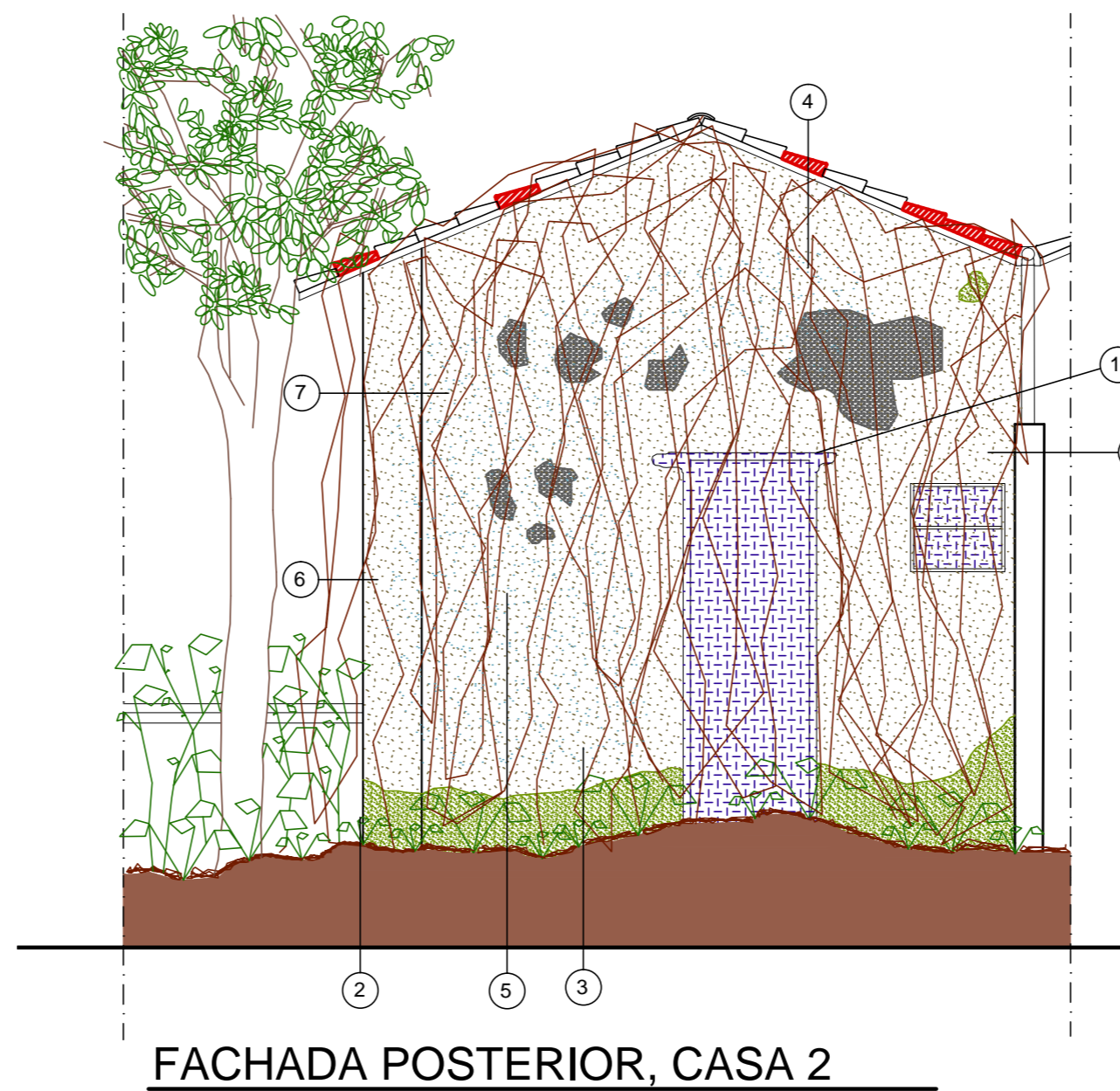
CONTEÚDO:
Fachada lateral direita, casa 2, bloco A.

FORMATO:
A2

FOLHA:
02/04



FACHADA POSTERIOR, CASA 2



FACHADA POSTERIOR, CASA 2

TABELA DE DANOS

IDENTIFICAÇÃO : FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 2, BLOCO A

ITEM	DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
	Perda pontual de peças do telhado	- Exposição a intempéries	- Perda de telhas - Movimentação das estruturas do telhado - Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Vegetação de pequeno porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.
	Matéria orgânica	- Matéria decomposta	- Aglomerações de vegetações; - Falta de manutenção; - Decomposição de plantas.
	Perda de elementos das esquadria	- Exposição a intempéries - Ataque de insetos xilófagos - Ação humana	- Umidade; - Apodrecimento da madeira; - Presença de celulose.
	Destacamento da camada pictórica	- Exposição a intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.
	Sujidade	- Ação humana - Ação eólica e águas pluviais	- Falta de manutenção; - Poeira depositada na superfície do revestimento através dos ventos e da chuva.
	Pátina botânica	- Líquens e musgos	- Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica).
	Barro	- Exposição a intempéries - Barranco localizado muito próximo	- Falta de conservação; - Falta de muro de contenção.
	Vegetação de médio e grande porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.
	Desagregação da camada pictórica	- Exposição as intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.



1- Sujidade, perda de peças da esquadria.



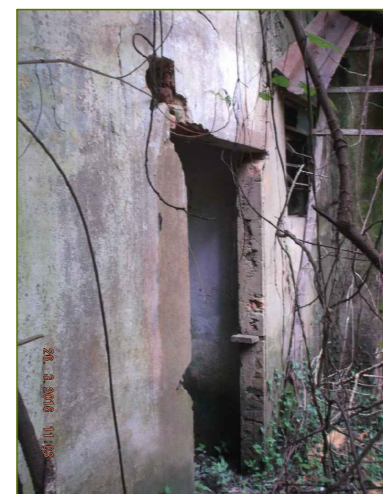
2- Sujidade, matéria orgânica, perda pontual de peças da esquadria, pátina botânica e vegetação de pequeno porte.



3- Sujidade, vegetação de pequeno, médio e grande porte, matéria orgânica, pátina botânica.



4- Sujidade, matéria orgânica, pátina botânica, destacamento da camada pictórica e desagregação da camada pictórica.



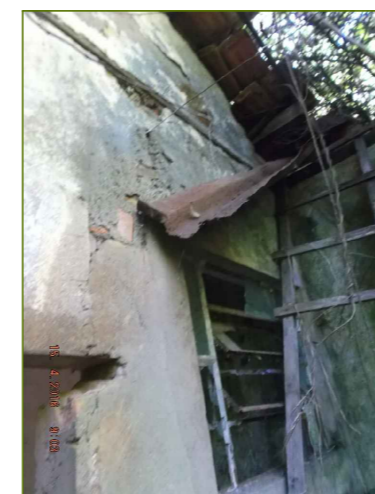
5- Destacamento da camada pictórica, sujidade, desagregação da camada pictórica, matéria orgânica, perda de peças das esquadrias e vegetação de pequeno porte.



6- Destacamento da camada pictórica, sujidade, pátina botânica.



7- Destacamento da camada pictórica, sujidade, desagregação da camada pictórica, matéria orgânica e vegetação grande porte.



8- Destacamento da camada pictórica, sujidade, matéria orgânica, perda pontual de peças da esquadria e do telhado.

LOCALIZAÇÃO

MAPA DE DANOS

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

ABRIL/2016

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Michelle Adriane de Lima Mendes

Escala indicada

CONTEÚDO:
Fachada posterior, casa 2, bloco A.

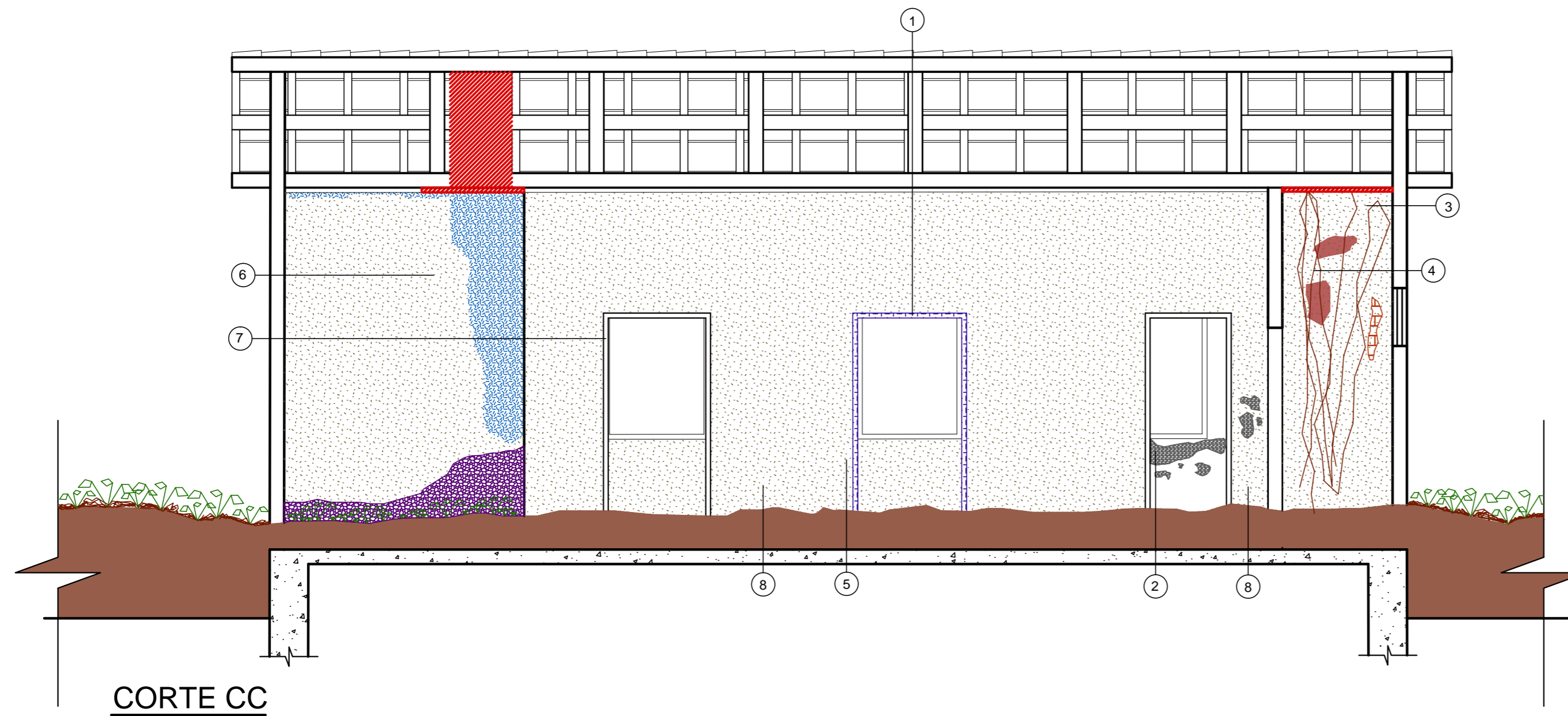
FORMATO:
A2

FOLHA:
03/04

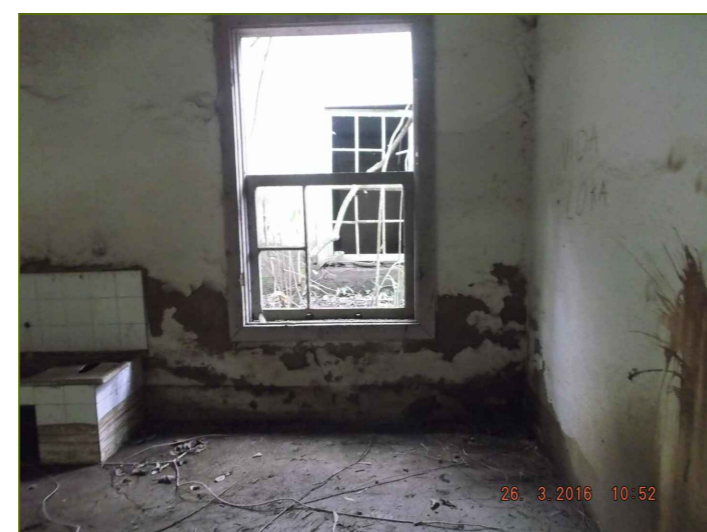
TABELA DE DANOS

IDENTIFICAÇÃO : FACHADA LATERAL DIREITA, CASA 2, BLOCO A

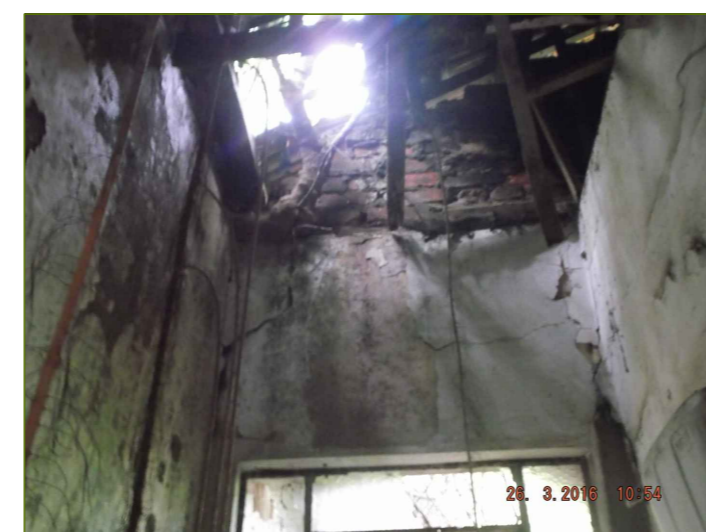
ITEM	DANO	AGENTE	CAUSAS PROVÁVEIS
	Mancha de umidade descendente	- Exposição a intempéries; - Falta de manutenção.	- À pluvial descendo pela superfície externa; - Perdas de peças do telhado.
	Vegetação de pequeno porte	- Umidade - Matéria orgânica	- Condições propícias para o crescimento (umidade e matéria orgânica); - Presença de aves.
	Matéria orgânica	- Matéria decomposta	- Aglomerações de vegetações; - Falta de manutenção; - Decomposição de plantas.
	Perda pontual de peças do telhado e do forro	- Exposição a intempéries	- Perda de telhas - Movimentação das estruturas do telhado - Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;
	Perda de elementos das esquadrias	- Exposição a intempéries - Ataque de insetos xilófagos - Ação humana	- Umidade; - Apodrecimento da madeira; - Presença de celulose; - Vandalismo.
	Destacamento da camada pictórica	- Exposição a intempéries	- Falta de conservação; - Excesso de camadas de tinta sobrepostas; - Umidade.
	Sujidade	- Ação humana - Ação eólica e águas pluviais	- Falta de manutenção; - Poeira depositada na superfície do revestimento através dos ventos e da chuva.
	Barro	- Exposição a intempéries - Barranco localizado muito próximo	- Falta de conservação; - Falta de muro de contenção.
	Mancha enegrecida	- Falta de manutenção. - Exposição as intempéries;	- Acúmulo de poeira sobre superfície do revestimento - Umidade - Sujidade
	Estufamento da camada pictórica	- Falta de manutenção. - Exposição as intempéries;	- Umidade - Excesso de camadas de tinta sobrepostas;
	Perda pontual do reboco	- Exposição a intempéries.	- Excesso de umidade; - Exposição aos ventos e águas pluviais ;



1- Perda de peças da esquadria.



2- Destacamento da camada pictórica, sujidade.



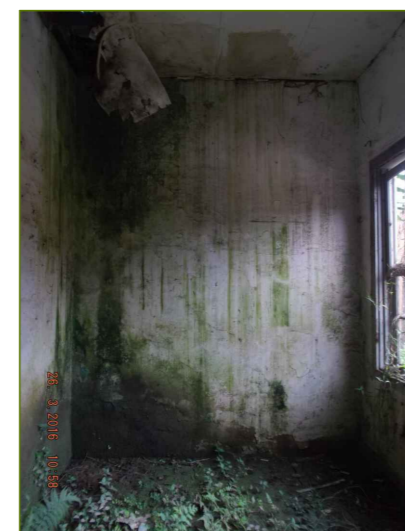
3- Sujidade, matéria orgânica, perda pontual de peças do telhado.



4- Sujidade, matéria orgânica, estufamento da camada pictórica.



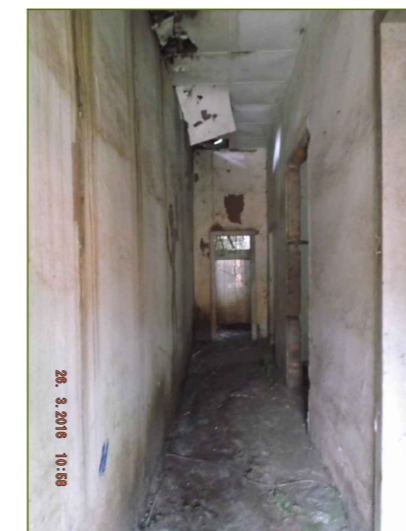
5- Sujidade, perda pontual de peças da esquadria.



6- Mancha de umidade descendente, sujidade, mancha enegrecida, perda pontual do forro e vegetação de pequeno porte.



7- Sujidade, perda pontual de peças da esquadria.



8- Sujidade, matéria orgânica, perda pontual de peças do forro.

LOCALIZAÇÃO

MAPA DE DANOS

O conjunto residencial dos operários da antiga Fábrica de Tecidos do Tombadouro

ABRIL/2016

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Michelle Adriane de Lima Mendes

Escala indicada

CONTEÚDO:
Corte CC, casa 2, bloco A.

FORMATO:
A2

FOLHA:
04/04

3.3 Relatório conclusivo do estado se conservação

A edificação na qual, foi realizada o diagnóstico de danos, pode ser considerada regular, segundo a escala do IEPHA-MG para classificar o estado de conservação de bens imóveis²⁰.

A casa 2, do bloco A, apresenta patologias, ligadas diretamente ao abandono e a falta de manutenção, como por exemplo, a grande concentração de vegetação de grande, médio e pequeno porte (fig. 50), onde estão situadas as residências, o que dificulta a insolação e ventilação dessa edificação, propiciando a proliferação de agentes biológicos.

Outro fator é o crescimento dessa vegetação, próxima ao telhado, o que gera acumulo de matéria orgânica e movimentação de peças, gerando outros agentes de degradação.



Figura 50: Vista superior das edificações, com a localização da casa 2, bloco A.

Fonte: Michelle Adriane, 2015.

²⁰ EXCELENTE - A edificação mantém sua integridade estético/formal e físico/construtiva com todos os elementos físicos e estruturais, desempenhando suas funções: vidros janelas, portas e principalmente o sistema estrutural.

BOM - A edificação mantém a integridade estrutural, mas apresenta problemas de ordem física. A dimensão destes problemas deve se limitar a vidros quebrados, pinturas desgastadas, elementos de cobertura e/ou entelhamento danificados, dentre outros.

REGULAR - A edificação apresenta problemas estruturais e físicos que começam a comprometer a integridade do imóvel. Estes problemas são reversíveis, mas demandam análise e diagnóstico específicos a serem realizados por um responsável técnico capacitado. Apesar dos problemas apresentados, a edificação não se encontra em processo de arruinamento.

PÉSSIMO - Em processo de arruinamento, já apresentando um quadro praticamente irreversível.

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL DE MINAS GERAIS – IPAC/MG - FICHAS DE INVENTÁRIO, 2006, pág. 6.

Essa vegetação, também está se alastrando para o interior da edificação, causando grande concentração de umidade nas alvenarias, e propiciando acúmulo de matéria orgânica.

Um dos fatores que contribuíram para o crescimento dessa vegetação, foi a concentração de barro em todo o terreno onde esta situado, as residências. Essa barro, proveniente do barranco localizado na área posterior e lateral (fig. 51), é causador de várias patologias. Como por exemplo, a sua grande concentração no interior da casa, o que impossibilita a visualização dos pisos, que por sua vez, estão passando por processo de degradação, principalmente os cômodos que possuem tacos de madeira.



Figura 51: Barranco localizado na parte posterior das edificações.

Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Esse barro retém muita umidade e matéria orgânica, o que propiciou o ataque de insetos xilófagos nas madeiras existentes, e também o crescimento da vegetação, no interior da casa.

Outro fator negativo desse barro, é a umidade que está sendo transmitida, para o parte inferior das alvenarias, que superficialmente, está causando o destacamento da camada pictórica e concentração de sujeira. Esse agente pode provocar nas alvenarias o apodrecimento de sua estrutura, chegando até mesmo a ruptura, causando grandes danos para a edificação.

Outro dano observado, foi a ação de vandalismo, podemos citar as esquadrias e peças sanitárias quebradas e outras faltantes (fig. 52 e 53), que por sua vez podem causar ferimentos as pessoas que quiserem ter acesso a essas casas.



Figura 52: Vidro quebrado, localizado no interior da edificação, próximo a sala.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

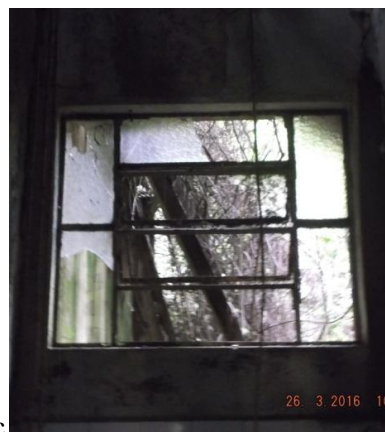


Figura 53: Janela do banheiro, com vidros quebrados.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Nota-se também, que as esquadrias, da fachada principal estão envoltas por matéria orgânica (fig. 54), que podem propiciar outros agentes de degradação. Essa matéria orgânica também pode ser encontrada no telhado da edificação (fig. 54), que pode gerar o apodrecimento das madeiras por reterem umidade, e impedir a insolação de forma adequada.



Figura 54: Janela da fachada principal e telhado com acúmulo de matéria orgânica.
Fonte: Michelle Adriane, 2016.

Os forros de todos os cômodos encontra-se deteriorados, patologia causada, pela falta de manutenção e também pela movimentação e perda das peças do telhado, que deixaram que as águas pluviais, tivessem contato direto com esse material, causando o apodrecimento das peças e manchas de umidade.

Nas fachadas pode-se encontrar, pátina botânica, provocada pela falta de ventilação e insolação adequada e presença de matéria orgânica, mancha de água descendentes, causada por perdas e movimentação de peças do telhado e exposição as intempéries.

Na fachada principal, observa-se perda pontual do reboco e do estuque, causado pela exposição as intempéries e concentração de umidade.

As patologias mencionadas, também estão representadas no mapa de danos, com os possíveis agentes e causas.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção será embasada, nos teóricos da restauração, cartas patrimoniais, e em seguida nos conhecimentos obtidos ao longo do curso.

4.1 Proposta teórica

Para propor uma intervenção de qualquer obra, é necessário identificar primeiramente a sua importância como bem e como cultura para a população. Segundo a Carta de Burra de 1980, Artigo 1º, pág.1:

O termo bem designará um local, uma zona, um edifício ou obra construída, ou um conjunto de edificações ou outras obras que possuam uma significação cultural, compreendidos, em cada caso, o conteúdo e o entorno a que pertence. o termo significação cultural designará o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes ou futuras.

O objeto de estudo está relacionado a acontecimentos importantes ao longo da história local, que contribuíram para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade da cidade, podendo ser considerado um bem patrimonial. Por isso, as intervenções a serem realizadas devem seguir metodologias de um processo de restauro.

Para execução do processo de restauro é necessário respeitar o bem e suas diversificações. É importante, antes de qualquer intervenção, realizar pesquisas, a fim de se identificar as características históricas, estilísticas, iconográficas, construtivas e formais que envolvem o objeto de estudo.

É salutar que a equipe que trabalhará com o bem seja interdisciplinar, de forma a abranger todas as técnicas e conhecimentos possíveis para a salvaguarda do patrimônio (Carta de Veneza, 1964).

A restauração deve ser realizada conforme as necessidades específicas do objeto. Intervenções ou acréscimos devem ser de fácil reconhecimento, tanto para os técnicos quanto para os leigos, para que não seja cometido o “falso histórico ou falso artístico”. Os acréscimos também devem ser de fácil retirada, para possíveis intervenções posteriores (BRANDI, 2004, pág. 33).

Artigo 12º - Os elementos destinados a substituir as partes faltantes devem integrar-se harmoniosamente ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das partes originais a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte e de história. (Carta de Veneza, 1964, pág. 3).

Artigo 13º - Os acréscimos só poderão ser tolerados na medida em que respeitem todas as partes interessantes do edifício, seu esquema tradicional, o equilíbrio de sua composição e suas relações com o meio ambiente. (Carta de Veneza, 1964, pág. 3).

Todas as intervenções realizadas devem ser documentadas, a fim de facilitar estudos e intervenções futuras, através da elaboração de relatórios, ilustrações, desenhos, fotografias e outros meios que forem adequados (Carta de Veneza, 1964 e Carta Burra, 1980).

4.2 Proposta prática

A proposta prática de intervenção foi realizada de forma a contemplar todas as edificações, já que estas possuem o emprego dos mesmos materiais e técnicas construtivas, além de estarem expostas aos mesmos agentes de degradação. Porém, devido às limitações de acesso às edificações para análise técnica *in loco*, houve enfoque na casa 2 do bloco A.

Os procedimentos descritos abaixo foram baseados em cadernos de encargos e de especificações como por exemplo: o Caderno de Encargos do Programa Monumenta - Brasília, 2005, e o Caderno de Encargos do Teatro Municipal de Ouro Preto.

4.2.1 Medidas preliminares

A primeira medida a ser tomada deverá ser o escoramento das estruturas, para a proteção da edificação e dos profissionais, pois algumas peças do telhado estão soltas, o que pode acarretar em desmoronamentos e acidentes.

O dimensionamento dessas estruturas de escoramento deverá ser realizado por um profissional habilitado, sendo construídas de forma a suportar os esforços a que serão submetidas, proporcionando segurança aos trabalhadores e ao bem.

Após esta etapa, deverão ser realizadas ações de limpeza, com a utilização de herbicidas para a eliminação de vegetação de pequeno, médio e grande porte, que encontra-se em grande concentração.

Em seguida deverá ser removida toda vegetação, de forma manual. Contudo, nas proximidades das alvenarias e telhado deverá haver um maior cuidado, a fim de se evitar deslocamentos ou danos às estruturas.

Esses resíduos não deverão ser queimados no *in loco*, mas retirados de forma adequada e transportados para locais apropriados.

Outra ação de grande importância é a estabilização do barranco que se encontra nas imediações do terreno. Será necessário o auxílio de profissionais especializados, a fim de que o trabalho seja executado de forma adequada e segura.

É necessário executar a retirada do barro localizado em todo o terreno e no interior das residências. Tal procedimento deve ser realizado de forma cautelosa, para que não ocorra desestabilizações nas estruturas e nem danos nas alvenarias e superfícies soterradas. Esse procedimento deverá ser executado manualmente com auxílio de ferramentas próprias. O material retirado deverá ser descartado em local apropriado.

Em sequência aos serviços preliminares, deve-se realizar uma limpeza na qual os resíduos do barro deverão ser totalmente retirados, o que possibilitará melhor identificação dos danos.

Deve-se realizar o tratamento do solo para eliminar os insetos xilófagos, como exemplos, o cupim subterrâneo e o de madeira seca.

Alvenarias internas:

As alvenarias internas deverão ser avaliadas de forma a identificar as possíveis degradações em sua estrutura inferior, visto que estão submetidas a grande concentração de umidade e matéria orgânica.

Após realizada as avaliações, a camada de revestimento dessas áreas deverão ser substituídas, pois foram expostas a muitos agentes de degradação por um longo período, não cumprindo mais a função de proteção e acabamento. Os tijolos que foram pouco degradados deverão passar por uma limpeza e consolidação e, os em estado muito degradado devem ser substituídos pelo mesmo material.

É importante o reparo dos locais de destacamentos e estufamento do acabamento. Nesses casos, deverão ser primeiramente identificadas as suas causas e, somente após a correção do dano é que será executada a recomposição parcial ou total do revestimento.

Para realizar essa recomposição é necessário identificar a composição da argamassa, para que não haja incompatibilidade de materiais. Todas as inserções de argamassas que estiverem nas alvenarias e que foram incompatíveis, deverão ser retiradas e substituídas pela composição correta. Caso não seja possível realizar a identificação correta

dessa composição, deverá ser utilizado areia e cal de 3:1. Esses materiais deverão ser de boa qualidade e a espessura da argamassa de aproximadamente de 1cm.

Após as ações realizadas, deve-se realizar uma limpeza em toda a superfície, para que a mesma possa receber uma nova pintura, com material adequado, respeitando as características originais.

Alvenarias externas:

Nas alvenarias das fachadas também é necessário realizar uma limpeza, sendo retiradas partículas de sujeira e a pátina botânica, que está interferindo na conservação do bem, retendo a umidade e causando mofo no interior da edificação.

Na fachada principal há perdas pontuais de reboco, sendo necessário identificar suas causas antes de se realizar qualquer tipo de procedimento. Em seguida, deverá se aplicar material próprio para alvenarias externas, com componentes de proteção as intempéries.

Nos locais onde houver destacamentos e desprendimentos do reboco ou da camada pictórica, deve-se tentar realizar a consolidação desse material com a superfície. Caso não seja possível esse procedimento devem-se aplicar os mesmos materiais que foram utilizados para as perdas pontuais do reboco.

Nos locais onde existem perdas pontuais do estuque, deve haver preenchimento com a mesma argamassa utilizada. Porém, nos outros preenchimentos, deve haver alguma diferenciação do novo e antigo, para fácil reconhecimento.

Finalizados esses procedimentos, deve ser aplicado em toda a superfície um microbicida de ação rápida, para a prevenção de futuras proliferações de micro-organismos. Após essa fase, realiza-se a pintura com material adequado.

Esquadrias

Nas esquadrias é necessário realizar uma análise para detectar quais as peças foram atacadas por cupim e, posteriormente trata-lás ou realizar as trocas das peças totalmente perdidas.

Também deverá ser realizada a limpeza e imunização das peças em bom estado, para prevenir ataques e proliferações de agentes biológicos futuros. As mesmas deverão ser

revestidas com materiais impermeabilizantes, com proteção específica para a exposição às intempéries.

Onde existem peças de madeira faltantes, deverá ser recomposto com o mesmo material ou similar, mas de forma distinta. O mesmo deverá ser feito com os vidros: recomposição nas áreas faltantes com eliminação dos vidros quebrados, não passíveis de recuperação.

Pisos

O piso de taco, por estar soterrado pelo barro, está provavelmente em péssimo estado de conservação, e possivelmente será necessário substituí-lo, preservando as mesmas técnicas e materiais.

Os pisos cerâmicos devem ser avaliados de forma a verificar a sua condição física e estética. Caso os mesmo se encontrem em boas condições, será necessário basicamente limpeza, permeabilização e substituição de algumas peças. Porém, se estiverem em péssimas condições, deverão ser totalmente substituídos por materiais similares.

Vale salientar a importância de serem realizados relatórios e registros em todas as etapas, informando todas as ações e decisões tomadas, a fim de garantir ao bem sua autenticidade.

Forros

A maioria dos forros, tanto de madeira quanto de Eucatex, encontra-se com perfurações, perdas pontuais, entre outras diversas patologias. As peças que ainda possuem boa estrutura física deverão ser reutilizadas após realizadas procedimentos de limpeza. Já as peças em más condições deverão ser substituídas pelo mesmo tipo de material.

Telhado

No telhado, é possível observar perdas de algumas estruturas e peças, o que acarreta vários danos no interior da edificação. A intervenção deverá ser realizada respeitando as técnicas e os materiais.

As peças em boas condições deverão passar por uma limpeza, imunização e impermeabilização. Já as peças muito degradadas, que não cumprem mais a sua função estrutural, deverão ser substituídas por peças iguais ou similares, sendo também submetidas a imunizações e impermeabilizações.

As telhas que estiverem em boas condições deverão ser reutilizadas após procedimentos de limpeza e impermeabilização e, as que estiverem muito degradadas, deverão ser substituídas pelo mesmo tipo de material.

Todos os procedimentos realizados deverão ser registrados, fotografados e documentados, a fim de facilitar as intervenções futuras e contribuir na proteção do bem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizadas todas as etapas do trabalho, conclui-se que o Conjunto Residencial dos Operários da Antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto possui grande importância histórica, cultural e arquitetônica, tanto para a sua comunidade quanto para a cidade que se situa.

Seu valor histórico está relacionado diretamente com a fábrica de tecidos, que foi uma grande fonte de renda para a população local, principalmente para as mulheres e jovens da região.

Na atualidade, o objeto de estudo ainda possui uma importância significativa para os antigos moradores. Estes possuem inúmeras lembranças e relatos, que causar emoções e reflexões ao longo da pesquisa.

O conjunto também é de grande importância para a população local, que reconhece esse bem como propriedade social e contesta o seu atual abandono.

Espera-se que o presente trabalho sirva de incentivo para futuros estudos e intervenções, podendo também ser fonte de divulgação para autoridades e para populações distantes, de forma a garantir assim sua salvaguarda - uma vez que esse bem se encontra ameaçado devido a sua atual condição, com destaque a grande exposição a intempéries, a proximidade a um barranco instável, além do total abandono, Estes fatores afetam não somente o objeto edificado, já que sua degradação resultou em um foco de doenças, vandalismo, tráfico, entre outros problemas que envolvem a sociedade de forma mais abrangente.

6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALLA, Ricardo Ali.; BENITEZ, Diego Meira. **OS TRINTA ANOS ESQUECIDOS DE OURO PRETO DA PERDA DO STATUS DE CAPITAL À GLAMOURIZAÇÃO PELOS MODERNISTAS**. Anais da Semana de Ciência e Tecnologia, Ouro Preto, v. 3, p. 1-352, 2011.
- BENEVOLO, Leonardo. **HISTÓRIA DA ARQUITETURA MODERNA**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BANDEIRA, Manuel. **GUIA DE OURO PRETO**. Coleção Brasileira De Ouro. Ediouro, 2000.
- BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BONAMETTI, João Henrique. **A ARQUITETURA ECLÉTICA E A MODERNIZAÇÃO DA PAISAGEM URBANA BRASILEIRA**. R. cient./FAP, Curitiba, v.1, p., jan./dez. 2006.
- Caderno de Encargos - Programa Monumenta, Brasília, 2005.
- CAMPOS, Adalgisa. **MINAS GERAIS NO LIMIAR DA MODERNIZAÇÃO: O ECLETISMO VERNACULAR EM TRÊS CIDADES DE ORIGEM COLONIAL**. Disponível em:
https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/actas/cisav05/co_15.pdf Acessado em 24/02/2016 às 12h45min.
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco Cardoso. **TRAMAS E FIOS: A FÁBRICA TÊXTIL EM MINAS GERAIS**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1986.
- Carta de Atenas. **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA MODERNA**
- CIAM, 1933. Disponível em: --
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>.
Acessado em 21/04/2016 às 11h04min.
- Carta de Burra. **CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS - ICOMOS**, 1980. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>.
Acessado em: 21/04/2016 às 11h10min.

- **CARTA DO RESTAURO**. Itália: Ministério de Instrução Pública, Circular nº 117, 1972.
Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20do%20Restauro%201972.pdf>.
Acessado em 29/02/2016 às 13h21min.
- **CARTA DE VENEZA**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 1964.
Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acessado em 29/02/2016 às 13h46min.
- Centro de Documentação e Informação – CDI. Arquivo Público Mineiro - Belo Horizonte.
- COSTA, Lúcio. **ARQUITETURA BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
- DANGELO, André Guilherme Dornelles; BRASILEIRO, Vanessa Borges. **REFLEXÕES SOBRE INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS EM AMBIENTES SOB PROTEÇÃO CULTURAL EM MINAS GERAIS (1937-2007)**. Disponível em :
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/viewFile/1000/989>
Acessado em 02/03/2016 às 10h37min.
- FABRIS, Annateresa. **ECLETISMO NA ARQUITETURA BRASILEIRA**. São Paulo: Nobel/Edusp, 1992. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT05032014161757>.
Acessado em 17/02/2016 às 09h07min.
- FILHO, Nestor Goulart Reis. **QUADRO DA ARQUITETURA NO BRASIL**. São Paulo: Perspectiva, 1997. Disponível em: <http://www.orelhadelivro.com.br/livros/119991/quadro-da-arquitetura-no-brasil/> Acessado em 17/02/2016 às 09h18min.
- Fundação vale - **OUTRAS MEMÓRIAS, OUTROS PATRIMÔNIOS: RELATO TÉCNICO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL TREM DA VALE**. Belo Horizonte. 2010.
- Fundação vale - **FIOS E TRAMAS: A INDÚSTRIA TÊXTIL EM MARIANA E OURO PRETO**. Belo Horizonte. 2013.
- FURTADO, Celso. **FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL**. 1987.
- GOMES, Laurentino. **1808: COMO UMA RAINHA LOUCA, UM PRÍNCIPE MEDROSO E UMA CORTE CORRUPTA ENGANARAM NAPOLEÃO E MUDARAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL E DO BRASIL**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

- GOMES, Adriano P.; ROCHA, Jozielle Marques da. **PRINCÍPIOS BIOCLIMÁTICOS PARA O PROJETO DE EDIFICAÇÕES EM OURO PRETO / MG**. Anais da Semana de Ciência e Tecnologia, Ouro Preto, v. 3, p. 1-352, 2011.
<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/113/em-defesa-de-ouro-preto-23543-1.aspx>.
Acessado em 22/02/2016 às 15h20min
- <http://guiadoecletismo.wix.com/ouropreto#!blank/c1u7g>. Acessado em 23/02/2016 às 13h29min
- IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - **INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL DE MINAS GERAIS – IPAC/MG - FICHAS DE INVENTÁRIO**, 2006. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/stories/downloads/IPAC/fichas%20ipacmg%2009.pdf>
- **INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL – IPAC - Ouro Preto – Minas Gerais**, 2010.
- MACEDO, Silvio Soares. **QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL**. São Paulo: FAPESP, 1999.
- MANTOVANI, André Luiz. **MELHORAR PARA NÃO MUDAR: FERROVIA, INTERVENÇÕES URBANAS E SEU IMPACTO SOCIAL EM OURO PRETO-MG, 1885-1897**. Programa de Estudos Pós-Graduados em História Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Março de 2007.
- MARTINS, Roberto Borges. **A INDÚSTRIA TÊXTIL DOMÉSTICA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX**. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, v. 2. 1983. Diamantina (MG). Anais. Belo Horizonte: UFMG/FACE/CEDEPLAR, p. 75- 94.
- PATETTA, Luciano. **CONSIDERAÇÕES SOBRE O ECLETISMO NA EUROPA IN: FABRIS, ANNATERESA (ORG.). ECLETISMO NA ARQUITETURA BRASILEIRA**, São Paulo, Nobel e Edusp, 1987.
- REIS FILHO, Nestor Goulart . **QUADRO DA ARQUITETURA NO BRASIL**. São Paulo: Perspectiva, 1970. v. 1.
- RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; MELO, Carina Mendes dos Santos. **TÉCNICAS CONSTRUTIVAS DO PERÍODO ECLÉTICO NO RIO DE JANEIRO** - Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação. Vol.1, No.3, pp. 080 - 085
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. **O ECLETISMO EM MINAS GERAIS: BELO HORIZONTE 1894-1930**. In: FABRIS, Annateresa. Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

- SEGAWA, Hugo. **ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. **VILA RICA**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. **ARQUITETURA NO BRASIL: SISTEMAS CONSTRUTIVOS**. Belo Horizonte, ed. da UFMG, 1979.